

GUADALUPE FERNANDEZ PRESAS

A DESREGIONALIZAÇÃO DA TELEVISÃO
UMA ANÁLISE DO FENÔMENO NO PARANÁ

CURITIBA
ABRIL/2003
GUADALUPE FERNANDEZ PRESAS

A DESREGIONALIZAÇÃO DA TELEVISÃO

UMA ANÁLISE DO FENÔMENO NO PARANÁ

Monografia de conclusão do Curso de História,
do Departamento de Historia, do Setor de
Ciências Humanas, Letras e Artes da
Univerisdade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.: Dennison de Oliveira

CURITIBA
ABRIL/2003

À minha família, que com muito amor, inspiração e força me trouxe até aqui e, que me levará ainda mais longe!

Agradeço a todos que me ajudaram, direta e indiretamente, na realização deste trabalho.

Obrigada!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. LITERATURA PRECEDENTE.....	03
2.1 CONCEITOS BÁSICOS DA INDÚSTRIA CULTURAL	03
2.2. TELEVISÃO – “O” MEIO DE COMUNICAÇÃO	06
2.3. DIFERENTES REFLEXÕES SOBRE A TV	08
2.4. HISTÓRICO DA TELEVISÃO NO BRASIL.....	11
3. A TELEVISÃO NO PARANÁ	20
3.1. SEU HISTÓRICO	20
3.2. EMISSORAS REPETIDORAS	26
3.3. A PESQUISA	27
3.4. PRINCIPAIS RESULTADOS	29
3.5. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

Comunicar-se e expressar-se têm sido características inerentes aos homens ao longo da sua evolução. Ao olharmos para a história da humanidade, inúmeros foram os modelos e meios que surgiram para viabilizar a comunicação entre as pessoas, entre os povos, entre as idéias. Assim, desde o primeiro alfabeto até o mais moderno sistema de comunicação atual, observa-se um desejo em comum, o da comunicação e da transmissão e troca de informações.

Na História, a busca pelas origens e pela compreensão dos momentos e transições sócio-políticas e econômicas de uma sociedade, cai muitas vezes em análises e resgates relacionados a esses modelos e meios criados e utilizados pelo homem para comunicar-se. Isso porque os meios, pelos quais, a comunicação ocorre, fornecem vários outros aspectos e influências no processo comunicativo, bem como de reconhecimento e compreensão de um determinado período histórico. Seguindo esse raciocínio, o presente trabalho visa identificar um fenômeno de transformação dentro de um meio de comunicação atual, no caso a Televisão, apontando suas conseqüências e efeitos dentro da sociedade, Estado e mercado.

Mas por que a Televisão?

“Costuma-se dizer que a televisão é o meio hegemônico por excelência da segunda metade do século XX, e, de fato teorias inteiras sobre o modo de funcionamento das sociedades contemporâneas têm sido construídas com base na inserção desse meio nos sistemas políticos ou econômicos e na molduragem que ele produz nas formações sociais ou nos modos de subjetivação”¹.

No Brasil, a Televisão é o principal meio de comunicação da sociedade e sua análise é de forte relevância social e científica e, sendo assim, buscou-se analisar esse o veículo no cenário paranaense, realizando um resgate histórico e a seguinte produção científica.

A observação do caso do Paraná, realizada aqui através da análise do conteúdo televisivo veiculado nas emissoras paranaenses ao longo do seu desenvolvimento, levantou questões que servem de elementos prático e científico, para compreender um complexo sistema social que engloba esse meio de

¹ MACHADO, A. **A Televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2001. p.15

comunicação; a transmissão de uma ideologia e de um pensar, que sai do regional, para um mundial e que acompanha todo um processo de globalização da informação e da cultural.

Assim, para alcançar a constatação do fenômeno de desregionalização da produção local na Televisão, usando como exemplo o Paraná, foi desenvolvido um trabalho de pesquisa em fontes, como jornais antigos, autores e pesquisadores do assunto e, especialmente, na Revista TV Programas². A partir dos estudos, pode-se, não somente constatar de que maneira a cultura e produção paranaense dentro da televisão deixam de existir, mantendo um modelo pronto que vem dos grandes centros, com Rio de Janeiro, São Paulo e os Estados Unidos, como comprová-lo, como se pode verificar ao longo deste trabalho.

Outros objetivos também nortearam a seguinte pesquisa, entre eles o desejo de: apontar os elementos mais representativos dentro do processo televisivo brasileiro e suas influências até hoje; resgatar historicamente o guia TV Programas, bem como analisar o que era veiculado nas emissoras paranaense de 1963 a 1977; discriminar as categorias e a origem dessa programação; identificar as variações, ao longo do período pré-determinado, dentro dessa programação quanto as suas categorias e origem e, finalmente, levantar a temática do início da Televisão no Paraná buscando, através das informações coletadas na análise, descrever algumas de suas características qualitativa e quantitativamente.

² Guia impresso semanal, que circulou em Curitiba, entre 1961-77, contendo a programação a ser exibida nos canais de TV e demais informações co-relacionadas. Os exemplares analisados estão disponíveis no Acervo Paranaense, na Biblioteca Pública do Paraná.

2. LITERATURA PRECEDENTE

“O Brasil é uma sociedade cuja indústria cultural gira em torno da televisão”¹ e para melhor compreender de que forma ocorre a massificação de uma produção local, a televisão é um excelente objeto de estudo. Porém, antes de verificá-la diretamente e saber os diferentes olhares sob ela lançados é preciso conhecer alguns conceitos que são aqui recorrentes, como Indústria Cultural, Meio de Comunicação de Massa e Cultura de Massa. Sendo assim, dedica-se um espaço, que não visa esgotar o assunto, mas apenas fornecer elementos, intrinsecamente ligados às análises da televisão.

2.1. CONCEITOS BÁSICOS DA INDÚSTRIA CULTURAL

O progresso da ciência, as novas tecnologias que emergiram da Revolução Industrial, os meios de comunicação enquanto mediadores da realidade, a possibilidade de codificação de mensagens em veículos eletrônicos e sua transmissão a uma massa, a produção de bens simbólicos uniformizados e outros fenômenos da comunicação moderna são os principais objetos que fizeram com que estudiosos se interessassem pelo fenômeno da *mass media*, e assim começaram a interpretar suas conseqüências na sociedade. Dentre as mais diferentes vertentes da Teoria da Comunicação, destaca-se a Escola de Frankfurt, que tratando da indústria cultural, “estabeleceu intrínsecas relações entre a produção material e produção simbólica, suscitando novas abordagens sobre estética, arte e cultura”.²

A Escola de Frankfurt é a etiqueta que serve para marcar um acontecimento (a criação do Instituto), um projeto científico (intitulado filosofia social), uma atitude (batizada de Teoria Crítica), enfim uma corrente ou movimentação teórica ao mesmo tempo contínua e diversa (constituída por individualidades pensantes). Sendo isso tudo, é mais do que isso: um fenômeno ideológico que produz curiosamente os seus próprios critérios de identificação através do seu processo criador: é pelo menos a validade dessa aposta crítica que é preciso examinar.³

¹ SILVA, C.E.L. **Muito além do Jardim Botânico – Um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. São Paulo: Summus, 1985.

² COSTA, B. C. G. – Teoria Crítica e Educação – Capítulo 8 - **Indústria Cultural: Análise Crítica e Suas Possibilidades de Revelar ou Ocultar a Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 179

³ ASSOUN, P. L. **A Escola de Frankfurt** - São Paulo: Ática, 1991. p. 19

Dessa maneira, é preciso estudar a Escola de Frankfurt como uma linha de pensamento complexa, que engloba as idéias de vários estudiosos diferentes, mas que tem em comum a crítica aos meios de comunicação de massa, considerando-os manipuladores de toda uma população e a serviço daqueles que mantêm a chamada, Indústria Cultural. Sabendo que se trata de um estudo amplo, com vários aspectos da comunicação, para este trabalho deve-se restringir aqui as explicações do que seria a indústria Cultural.

Dentro de todos os autores da teoria crítica, aqueles que mais se destacam e que são responsáveis pelo termo Indústria Cultural, estão Theodor W. Adorno e Max Horkheimer⁴, que afirmam que:

Toda civilização de massa em sistema de economia concentrada é idêntica e o seu esqueleto, a armadura conceptual daquela, começa a delinear-se. Os dirigentes não estão mais interessados em escondê-las; a sua autoridade se reforça quanto mais brutalmente é reconhecida. Filme e rádio não têm mais necessidades de serem empacotados como arte. A verdade, cujo nome real é negócio, serve-lhes de ideologia. Esta deverá legitimar os refugos que os de que propósito produzem. Filme e rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte.⁵

Para compreender mais facilmente o que seria o fenômeno da Indústria Cultural, é possível definir algumas denominações básicas. A primeira delas seria a definição de três conceitos que envolvem fenômenos culturais e meios de comunicação: Indústria Cultural, Meios de Comunicação de Massa e Cultura de Massa⁶.

Inicialmente, os Meios de Comunicação de Massa seriam aqueles que produzem informação para ser consumida por uma grande quantidade de pessoas, sendo o primeiro meio com a imprensa inventada por Gutemberg.

Dessa maneira surgiria a Indústria Cultural, produzindo uma grande quantidade de seus produtos, como a informação e a cultura, nos moldes industriais. E, a Cultura de Massa seria a própria cultura massificada, veiculada pelos produtos

⁴ ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **A Indústria Cultural – O Iluminismo como mistificação das massas**. In.: LIMA, L. C. Teoria da Cultura de Massa, São Paulo: Paz e Terra, 1990.

⁵ Ibid. p. 160.

⁶ Grifo do autor.

da indústria cultural, como exemplo, os primeiros folhetins de jornal, cuja leitura fácil auxiliava a venda de jornais. Assim, Cultura de Massa viria a ser então, o grande conjunto de todos esses produtos da Indústria Cultural, juntos com a mesma finalidade e “assim, a indústria cultural, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa surgem como funções do fenômeno da industrialização (...) os mesmos princípios em vigor na produção econômica geral”⁷.

O paralelo entre a industrialização e o termo indústria cultural, fica evidente quando se percebe que ambos fenômenos desenvolvem produtos trocáveis por dinheiro e que devem ser consumido como se consome qualquer coisa. E é exatamente nessas coisas, que o autor afirma que gira a questão ética da indústria cultural, pois sendo ela acusada de provocar a “reificação (ou a coisificação) e a alienação”⁸, onde tudo vira coisa, inclusive o homem. E esse homem que acabou reificado, só pode acabar virando alienado, pois não tem consciência do que consome e porque consome. Dentro desse caráter industrial, os produtos culturais assumem tal postura ao serem transmitidos pelos meios de comunicação de massa.

Outro fator destacado pelos teóricos da Escola de Frankfurt seria a imposição de padrões adotados pela Indústria Cultural, em que milhares de pessoas receberiam bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais e, dessa maneira, ignorando as necessidades individuais de cada receptor, fazendo com que os meios de comunicação de massa funcionassem como meios totalmente antidemocráticos, pois todos os receptores estariam sujeitos a mesma mensagem. Assim, uma obra artística estaria completamente prejudicada, pois seria recheada de ambigüidades e contradições que permitem ao receptor várias ou errôneas interpretações. No caso do rádio e da televisão, essa interação entre o receptor e a obra não poderiam acontecer, pois a mensagem já seria transmitida de forma pronta e padronizada.

Entende-se que a maior característica dos produtos da indústria cultural é o entretenimento e que com a função de lazer que oferece ao receptor, segundo os teóricos críticos, ficaria impossível fazer com que o receptor desenvolvesse qualquer

⁷ COELHO, T. **O que é a Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980; p. 10.

⁸ Ibid p.11

trabalho de reflexão sobre um ‘produto cultural’. Para tentar explicar ainda melhor o conceito de lazer na visão dos frankfurtianos, Teixeira Coelho diz que:

Partindo do pressuposto (aceito a título de argumentação) de que a cultura de massa aliena, forçando o indivíduo a perder ou a não formar uma imagem de si mesmo diante da sociedade, uma das primeiras funções por ela exercida seria a narcotizante, obtida através da ênfase ao divertimento de seus produtos. Procurando a diversão, a indústria cultural estaria mascarando realidades intoleráveis e fornecendo ocasiões de fuga da realidade.⁹

“Dessa maneira, no lazer as pessoas devem se orientar pelas mesmas regras de conformação e automatização”¹⁰, assim como ocorre no momento em que um operário está trabalhando, pois se submete as regras padronizadas de seu serviço, e assim, se conforma. Quando o conceito de trabalho é referido dentro da Indústria Cultural leva-se em consideração que as pessoas estão submetidas a regras pré-estabelecidas pelos dominantes, a fim de oferecer necessidades básicas de consumo.

2. 2. TELEVISÃO – “O” MEIO DE COMUNICAÇÃO

Após observar a explanação de como se organizam os conceitos básicos acerca da Indústria Cultural, se propõe destacar a Televisão, por exprimir o ícone do conceito de um Meio de Comunicação de Massa.

Ao se pensar a televisão no Brasil, deve-se levar em conta que esse é um fenômeno recente, de apenas cinquenta anos e que já acumula uma série de transformações. Desde sua inauguração, em 1950, com a TV Tupi até hoje, novas tecnologias transformaram rapidamente esse veículo de comunicação. Atualmente, fica difícil imaginar que a televisão não esteve presente desde sempre no cotidiano brasileiro e, mais ainda, que já foi um dia um aparelho enorme, sem controle remoto, com imagem preta e branca, com no máximo dez horas diárias de programação, em apenas dois canais diferentes.

⁹ COELHO, T. op.cit. p. 23.

¹⁰ Ibid. p. 186

Entre as questões acerca da televisão, outra que não sua história chama a atenção, a pouca quantidade de conteúdo sério e analítico sobre seu desenvolvimento no Brasil, bem como suas características político-econômicas. Os estudos são poucos e não dão conta de todos os aspectos envolvidos neste processo. Essa perspectiva pode ser mais bem compreendida ao constatar que no Brasil, há poucas instituições que disponibilizem pesquisas nessa área; se a televisão é recente, mais são seus estudos.

Dentro da discussão bibliográfica existente, observa-se no cinquentenário do veículo o lançamento de alguns livros que resgatavam a memória dos seus iniciantes, com fotos, entrevistas e eventos marcantes na história da televisão.¹¹ Sob uma perspectiva historiográfica, não se apresentam, porém, novas reflexões e por mais que tais documentos sejam relevantes, não são suficientes para compreender realmente sob quais critérios o Brasil adquiriu e viabilizou esse meio de comunicação eletrônico.

Partindo de um viés historiográfico, a televisão no Brasil foi analisada até então, na sua maioria por sociólogos, estudiosos da comunicação, jornalistas e, salva exceções, historiadores. Assim, discutir historiograficamente a produção sobre esse meio de comunicação deve levar em conta que os enfoques e preocupações que primam tais trabalhos realizados, caminham para questões mais voltadas as áreas de interesses, nas quais, se desenvolveram. Frente a essa constatação, compreender a História da Televisão no Brasil e, mais efetivamente, no Paraná, não pode estar vinculada a premissa historiográfica de uma produção histórica, seja ela qual for. Cabe ainda ressaltar que a análise frankfurtiniana prima, principalmente, pelos efeitos dos meios de comunicação de massa, generalizando o conceito da alienação, levando assim a percorrer análises posteriores que busquem resolver outros aspectos seguintes a essa teoria, como é o caso da questão dos conteúdos.

A seguir, apresenta-se uma divisão, da produção sobre a televisão em três lócus distintos, não implicando, porém que essa seja a única. De qualquer maneira, é importante ressaltar que essa divisão foi escolhida para este trabalho por melhor enquadrar-se nas necessidades da pesquisa proposta. E, ainda, essa divisão

¹¹ Alguns exemplos são: RIXA. **Almanaque da TV – 50 anos de Memória e Informação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. / JUNIOR, G. **Pais da TV**. São Paulo: Conrad, 2001./ LORÉDO, João. **Era uma vez a Televisão...** São Paulo: Alegro, 2000.

permite observar que o processo de produção de conteúdo sobre o tema foi transformando-se, respondendo as necessidades recorrentes ao longo do processo.

2.3. DIFERENTES REFLEXÕES SOBRE A TV

No livro “Estado & Mercado - Telecomunicações no Brasil”, Dennison de Oliveira propõe-se a “interpretar a relação entre a atividade das estações de rádio e TV e as agências regulatórias estatais no Brasil contemporâneo”¹². Para ele, “paradoxalmente, os meios de comunicação de massa eletrônicos no Brasil, a despeito de sua notória influência política e importância econômica e cultural, continuam a ser desconsiderados, enquanto objetos de estudo, pela comunidade acadêmica”¹³. Oliveira divide a bibliografia disponível em três momentos diferentes, um bom ponto de partida para compreender a televisão e suas análises.

Segundo ele, inicialmente, entre 1977-85, destaca-se uma produção de caráter marxista estruturalista, na qual, a mídia eletrônica é um aparelho ideológico do Estado e os conceitos de dependência cultural, tecnológica e alienação, explicam o desenvolvimento da TV¹⁴. Para representar esse momento, optou-se abordar apenas a proposta de Sergio Caparelli, devido sua produção significativa e representativa nessa fase. Entre suas obras, destaca-se “Televisão e Capitalismo no Brasil”, em que o autor traça a condição dupla da televisão brasileira, “ora operando como unidade de produção econômica, e, portanto integrando a estrutura da sociedade, ora como uma unidade de produção político-ideológica, funcionando em nível de superestrutura”¹⁵. Caparelli apresenta também a ampliação da hegemonia norte-americana e o caráter comercial dentro da televisão e, que, juntamente, com os conceitos supracitados, favoreciam a “manutenção do domínio de classe e a continuidade do regime militar”¹⁶.

Num segundo momento, retomando as indicações de Oliveira, entre 1984-87, o conteúdo apresentado sobre a televisão, faz uma releitura da postura exclusivamente Estatal desse meio de comunicação. A principal causa dessa nova

¹² OLIVEIRA, D. **Estado e Mercado – Telecomunicações no Brasil**. Curitiba: Prefhacio, 1991. p.3

¹³ Ibid. p. 9

¹⁴ Ibid. p. 11

¹⁵ CAPARELLI, S. **Televisão e Capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1982. p. 168

¹⁶ OLIVEIRA, D. op. cit. p. 13

visão, está nas manifestações do Movimento “Diretas Já” que passaram a apresentar uma consciência popular dentro do processo de decisão da informação, mesmo que indireto¹⁷. Um autor expressivo dessa proposta, que não retira do Estado seu poder e interesse na televisão, mas introduz o empresariado de comunicação no processo, é o estudioso da comunicação, José Marques de Melo. No livro “Comunicação e Transição Democrática”, o autor organiza a obra que analisa justamente os movimentos das “Diretas Já” pois, “trata-se de um momento da vida nacional que encerra lições apreciáveis. E quando os processos de comunicação jogam papel decisivo, catalisando o desejo das multidões ou expressando as contradições das forças em confronto. (...) Cai por terra, aí, a crença no superpoder dos *mass media*, tidos como capazes de moldar consciências, ditar comportamentos”¹⁸.

Ao final da década de 80, ainda segundo Oliveira, outro elemento novo passa a incorporar a análise da televisão; a possibilidade e viabilidade do país para produzir cultura própria (dentro dos meios de comunicação de massa), criticando a idéia da dependência econômica e cultural.¹⁹ Um autor que trabalha com essa nova perspectiva é o sociólogo, Renato Ortiz, em seu livro, “A Moderna Tradição Brasileira”; nele, para compreender como a identidade nacional ficou diante da moderna sociedade brasileira, toma como ponto de partida a emergência da indústria cultural no Brasil, vendo essa como “fruto do desenvolvimento do capitalismo e da industrialização recente”²⁰. Ele aponta quais os principais elementos que formaram o espólio brasileiro dentro das comunicações, bem como de que forma os empresários acabaram tomando para si a tarefa de modernizar a sociedade. “A autêntica cultura brasileira, capitalista e moderna, que se configura claramente com a emergência da indústria cultural, é fruto da fase mais avançada do capitalismo brasileiro”²¹.

Esse momento, representado por Ortiz, caracteriza-se por um momento pós Escola de Frankfurt, no qual, as propostas de uma cultura industrializada são

¹⁷ OLIVEIRA, D. op. cit. p. 15

¹⁸ MELO, J. M. de. (org) **Comunicação e Transição Democrática**. Porto Alegre: Mercado Aberto/Séries Novas Perspectivas, 1985. p. 6 (Prefácio)

¹⁹ OLIVEIRA, D. op. cit. p.18

²⁰ ORTIZ, R. **A Moderna Tradição Brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 8

²¹ Ibid. p. 210

aceitos, porém com conclusões distintas e não tão pessimistas como as de Theodor Adorno e Mark Horkheimer. Carlos Eduardo Lins da Silva expõe claramente essa nova maneira de analisar os meios de comunicação, conforme a passagem a seguir:

Adorno e Horkheimer estavam corretos quando afirmavam a transformação do produto cultural em simples mercadoria em busca do seu espaço no mercado de consumo. Só que não há razão para escandalizar-se por isso. Nada mais natural que a cultura também sofresse os efeitos da Revolução Industrial. Ela é produzida socialmente, não no vácuo. Portanto, sofre os efeitos – ao mesmo tempo em que influencia – do que ocorre na formação social.²²

Dentro da proposta de Ortiz, outros autores apresentam trabalhos, como o historiador Marcos Napolitano²³ e o próprio Dennison de Oliveira. O primeiro vai demonstrar o processo de evolução da proposta de massificação, de 1950 a 80, nos meios de comunicação e o segundo, vai trazer elementos dessa transformação e sua relação com o Estado. Para Oliveira, porém, qualificar o Estado simplesmente através de seu papel nas comunicações e/ou atribuir-lhe enorme poder e desconsiderar fatores de ordem técnica são erros que devem ser evitados no momento de analisar as Telecomunicações no Brasil²⁴.

Diante dessas diferentes perspectivas de análise, destaca-se a visão pós-frankfurt, cada qual com uma evolução reflexiva distinta ao longo dos anos e o papel do Estado na consolidação dos meios de comunicação. Este pode apresentar-se mais forte, ou mais fraco, mas sua presença é levada em conta, mesmo quando ocorre indiretamente, no caso de controle econômico e/ou nos processo de concessões de sinais para Rádio e Televisão.

O Estado teve forte influência e controle na programação da televisão brasileira, principalmente a partir da década de 60, com o vídeo tape (1962), que permitiu incluir os conteúdos “enlatados” na TV nacional. As produções locais tinham incentivo legal do Estado, porém não suportariam o incentivo financeiro que o Estado daria a economia que movimentava essa produção enlatada. Carlos Rodolfo Améndola Ávila, em seu livro, “A Teleinvasão – a participação estrangeira na

²² SILVA, C. E. L. op.cit.

²³ NAPOLITANO, M. **Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 73 –76.

²⁴ OLIVEIRA, D. op. cit. p.20 e 21

televisão do Brasil” mostra que, já em 1975, a televisão “já tem uma programação que ocupa 109 horas semanais, das quais 47% são ocupadas com produção nacional, ficando a percentagem maior para os importados”²⁵.

Desde então até hoje, a televisão brasileira submete-se a modelos prontos internacionais, que massificam nossa cultura e inviabilizam o desenvolvimento local em vários aspectos, desde econômico até o artístico.

2.4. HISTÓRICO DA TELEVISÃO NO BRASIL

Após conhecer diferentes produções sobre a televisão, apresenta-se aqui um histórico da Televisão no Brasil, tendo em vista que determinadas situações presentes e seus resultados precisam ser conhecidos para a melhor compreensão da análise proposta.

A TV Tupi, Canal 3, marco inicial da televisão no Brasil, foi inaugurada em 1950, na cidade de São Paulo. A primeira emissora brasileira foi pioneira também na América Latina, resultado do desejo e poder de Assis Chateaubriand, presidente do forte conglomerado Diários e Emissoras Associados.

O processo de instalação, porém, não foi imediato. Era preciso cumprir a burocracia, conseguir os equipamentos necessários e ganhar aceitação da sociedade. Por isso, a TV demorou “ainda algum tempo para se introduzir nos hábitos da população e ganhar credibilidade junto aos anunciantes publicitários em potencial”²⁶.

Essa demora ocorreu, segundo Oliveira, devido à concorrência com o cinema, ao reduzido alcance do sinal televisivo, que durante toda a década de 50 somente atingia completamente São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre, e ao baixo número de aparelhos receptores entre o público.

Nesse primeiro momento, a televisão no Brasil, como afirma Ciro Marcondes Filho, constitui-se “de forma precária, provisória, absorvendo profissionais que vieram do rádio, do cinema, do teatro, do jornalismo e que, em estúdios ainda improvisados, tentavam preencher o espaço da programação através de muito

²⁵ OLIVEIRA, D. op. cit. p. 50

²⁶ Ibid. p. 88

experimentalismo. Não se havia desenvolvido ainda uma linguagem própria e o meio causava estranhamento²⁷.

Em 1951 é inaugurada a TV Tupi do Rio de Janeiro, logo em seguida a TV Paulista, Canal 5, em 1952; um ano depois, em 53, a TV Record, Canal 7; um pouco mais tarde, em 1955, é criada a TV Rio, Canal 13, de João Batista Amaral e a TV Excelsior, Canal 9 da Família Simonsem.

Para Gabriel Priolli, “nos dois primeiros anos de vida, a TV não foi mais que um brinquedo de luxo para as elites do país (...)”²⁸. O elevado preço do aparelho, segundo esse autor, delimitava um público telespectador que exigia uma programação de alto nível, levando a TV a superar suas precariedades e entrar “nas salas de visita da gente de bem para lhe dar atrações compatíveis com seu status”²⁹. Para Priolli, a herança radiofônica e a subordinação da programação aos seus patrocinadores são as duas características marcantes neste período inicial da TV brasileira.

Já para Sandra Reimão, a primeira década da televisão brasileira, é “uma aventura comercial do capital privado brasileiro – uma atividade privada dependente da renda publicitária”³⁰. Essa abordagem confirma o processo de consolidação da televisão no Brasil, ligada e sofrendo influências do mercado (propaganda) que surgia com o nascimento desse poderoso meio de comunicação. E, “o fato de ter sido o capital privado e, no caso, familiar, o instrumento de implantação da TV no Brasil não implica que esta não tenha já nascido dentro de um oligopólio”³¹, neste caso, os Diários e Emissoras Associados de Assis Chateaubriand.

Outro autor a observar esse oligopólio é Sérgio Caparelli que percebe o estreitamento do “elo entre a indústria de bens culturais e a indústria de bens

²⁷ MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994. p.27

²⁸ PRIOLLI, G. A Tela Pequena no Brasil Grande. In: LIMA, Fernando Barbosa e outros. **Televisão e Vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985 p.19-43.

²⁹ Ibid.p.23

³⁰ REIMÃO, S. Anos 60 – A chegada do vídeo tape. In: REIMÃO, S. (coord.) **Em Instantes – notas sobre a programação na tv brasileira (1965-1995)**. São Paulo: Faculdades Salesianas e Cabral Editora Universitária, 1997. p.21 e 22. (grifo da autora) A passagem apresenta referência à: STRAUBHAAR, J. D. O declínio da influência americana na TV Brasileira; a FANUCCHI, M. Nossa Próxima Atração e SIMÕES, I. Um país no Ar.

³¹ Ibid. p. 22

tradicionais voltados para o consumo, principalmente com o desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek”³².

Confirmando essa perspectiva, Muniz Sodré vem dizer que “o início do Governo Kubitschek coincide com a proliferação das emissoras. O ufanismo desenvolvimentista, ligado à falta de planejamento mercadológico, incitava os empresários ao ramo da televisão”³³.

Na década de 60, com o vídeo tape (1962), ocorrem fortes transformações na ordem interna das emissoras de televisão. “Com o VT é possível levar as imagens a pontos diferentes do país (...) já se esboça uma pré-visão do país unido e informado pelo milagre da televisão”³⁴.

E é a partir do vídeo tape, também, que iniciam as tele-novelas, “as emissoras logo descobrem que estão diante de algo que, além de mais rentável que o teleteatro, contribui para consolidar uma média de audiência (...) a telenovela é um verdadeiro ovo de Colombo!”³⁵. Sua proliferação entre a programação, durante a década de 60, se justificava como um atrativo para ganhar público e ampliar o mercado publicitário. Assim a telenovela “nasceu para comercializar produtos (...)”³⁶.

É nessa nova fase, segundo Marcondes Filho, que se pode observar o “desabrochar da indústria televisiva (...). A televisão pode ser um bom negócio. Começa a ampliar rapidamente a base da audiência, os aparelhos já são comprados em grande escala e aos poucos vai se tornando uma necessidade social geral da população”³⁷.

Um exemplo, apontado por Oliveira, das transformações na década de 60, é a TV Excelsior; devido à sua visão empresarial, à elaboração de uma programação organizada por horários e seqüências e a racionalização de seus espaços para anúncios publicitários. Essa nova proposta vai abalar o marasmo em que se encontrava a televisão brasileira, apontando para o fim dos acordos paternalistas. “A

³² CAPARELLI, S. **Comunicação de Massa Sem Massa**. São Paulo: Cortez, 1982. p. 9-20. Este autor divide a história da televisão brasileira em duas fases, sendo a primeira de 1950 à 1964 e a segunda fase, da última data até os dias atuais (conforme lançamento do livro).

³³ SODRÉ, M. **O Monopólio da Fala**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 95.

³⁴ SIMÕES, I. F. In: COSTA, A.H. da. *et alli*. **Um País no Ar – história da TV brasileira em três canais**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 50 [grifo do autor]

³⁵ Ibid. p. 52/53

³⁶ FEDERICO, M. E. B. **História da Comunicação – Rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982. p.86.

³⁷ MARCONDES Filho, C. op.cit. p. 29 [sem grifo no original]

nova emissora é expressa de uma mentalidade diversa, resulta de uma estratégia onde o conceito de programação é apenas o produto mais evidente”³⁸.

Assim a televisão vai ganhando cada vez mais força e “a se transformar, de fato, em um autêntico veículo de massas. Um indicador dessa tendência é o número de aparelhos receptores em funcionamento no país, que passa, de 598.000, em 1960, para 1.993.000, em 1965”³⁹; números que continuam a crescer ainda mais, chegando em 1969, a 4.366.000 aparelhos ligados no Brasil⁴⁰.

E para integrar tantos aparelhos, nasce a Embratel - Empresa Brasileira de Telecomunicações S. A - criada em 1962, entrou em operação três anos mais tarde, com a finalidade de implantar o Plano Nacional de Telecomunicações⁴¹, que segundo Oliveira:

(...) foi resultado da aplicação, por parte do regime militar, das suas teses sobre a Segurança Nacional desenvolvida pela ESG (Escola Superior de Guerra) e que informava as práticas econômicas e políticas do regime militar, sempre teve a integração do vasto território nacional entre seus objetivos principais. (...) Assim, para o bem da Segurança Nacional, integrar-se-iam, principalmente via Embratel, todos os vastos espaços que compõem o país, evitando-se ameaças de ordem interna (subversão) e externa (influências culturais de países vizinhos).⁴²

Dentro desse processo de expansão, destaque para o nascimento da TV Globo. A emissora foi ao ar pela primeira vez em 1965, um ano após o golpe de militar e tem, desde então, em seu comando, o então empresário responsável pelo Jornal *O Globo*, Roberto Marinho.

Inicialmente, sua inauguração não apresentou maiores ameaças, como aponta Maria Rita Kehl⁴³. “A virada da Globo se dá no começo de 1966, com uma mudança na concepção do que poderia vir a ser o veículo televisão: (...) pensada prioritariamente como um empreendimento comercial, e só em consequência disso

³⁸ SIMÕES, I. F. op.cit. p. 66

³⁹ OLIVEIRA, D. de. op.cit.p.90 e 91

⁴⁰ SIMÕES, I. F. op. cit. 86. Conforme dados da ABINEE (Associação Brasileira da Indústria Eletro-Eletrônica)

⁴¹ CAPARELLI, S. op.cit. p.22. Seus objetivos eram: dotar o país de um sistema de telecomunicações integrado; ser capaz de satisfazer às necessidades do desenvolvimento e seguranças nacionais; assegurar comunicações rápidas, eficientes e econômicas; e possibilitar o efetivo controle e fiscalização das mesmas pelo governo

⁴² OLIVEIRA, D. de. op.cit.p. 91 e 92

⁴³ KELH, M. R. Eu vi um Brasil na TV. In: COSTA, A.H. da. *et alli*.Op.cit.[p.167-323] p. 174

como um veículo divulgador de arte, cultura, entretenimento, informação. A programação passou a ser pensada em função das estratégias de comercialização da televisão”⁴⁴.

O histórico da TV Globo guarda diferentes acusações, no que diz respeito as suas relações com o governo, principalmente durante o programa de Segurança Nacional e o tumultuado acordo com o grupo norte-americano Time-Life⁴⁵, que lhe rendeu 5 milhões de dólares e “a transferência de todo um *know-how* administrativo, técnico e comercial inédito na TV brasileira”⁴⁶.

A emissora passou a ser sinônimo então das inovações na TV. A primeira transmissão simultânea, em 1969, lançou o Jornal Nacional como o programa de maior audiência e a TV Globo em todo o país. Enfim a integração nacional fora alcançada, tanto para o regime como para a emissora.

Para Muniz Sodré, o triunfo da TV Globo está ligado, “ao planejamento administrativo ou à racionalização capitalista-monopolística de sua gestão”⁴⁷. Enquanto o governo aumentava sua hegemonia no processo econômico, a renda passou, conforme a autora, a concentrar-se novamente e colaborar para a expansão do capital empresarial.

Ainda, observando a força da Rede Globo, Priolli afirma que: “a década de 60 foi à última em que a televisão brasileira assistiu à disputa das emissoras pela liderança de audiência”⁴⁸.

Outras emissoras nasceram durante a década de 60, entre elas, a TV Bandeirantes, em 1967 na cidade de São Paulo, de propriedade da Família Saad, e a TV Cultura, em 1969, vinculada a Fundação Anchieta que tinha como finalidade veicular uma programação educativa.

⁴⁴ KELH, M. R. op. cit. p.174 [sem grifo no original]

⁴⁵ Ibid. p.180/183. O acordo, GLOBO e TIME-LIFE, conforme a autora, ocorreu em 1962 e estabelecia uma sociedade em conta de participação de vida íntima, discreta e secreta; dando 30% dos lucros a empresa americana. Entretanto a Lei não permitia que nenhuma empresa estrangeira tivesse qualquer interferência no Brasil, por isso é instaurada uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) em 1966, que conta com a participação de Carlos Lacerda. A apuração realizada nas investigações chega a desencadear um pedido de cassação da emissora, que em março de 1967, são declaradas infundadas pelo governo Castelo Branco, fechando o inquérito. De qualquer forma em 1968, ainda sob pressões, o caso volta a ser considerado ilegal por Costa e Silva. A Globo é então institucionalizada finalmente em 1969 para encerrar essa discussão.

⁴⁶ PRIOLLI, G. op.cit. p. 32

⁴⁷ SODRÉ, M. op.cit. p. 101

⁴⁸ PRIOLLI, G. op. cit. p. 30

2.4.1. Padrão “Global” e Indústria Televisiva

A década de 70 inicia com mais uma novidade, a televisão a cores. Nesse período, o Brasil vivia o milagre econômico, o que possibilitou que 80% dos lares brasileiros tivessem um aparelho de TV ⁴⁹.

Entretanto se na tela da TV tudo ia bem, com novas opções, de outro a sociedade sofria uma forte repressão militar, com guerrilhas, protestos e atentados. O próprio General Ernesto Geisel (Presidente - 1974 a 78), viria a dizer, em Março de 1973, uma frase que ficou famosa e retratava essa máscara que havia na TV durante essa fase; “Sinto-me feliz todas as noites quando ligo a televisão para assistir ao jornal, enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranqüilizante, após um dia de trabalho”⁵⁰.

Nesta década, a Rede Globo consolida sua hegemonia como maior rede no país, ampliando o número de afiliadas, se tornando cada vez mais rentável. Isso ocorre, principalmente, devido à organização que mantinha, se comparada com a livre TV Tupi, “(...) os programas da Globo tinham um padrão bastante próximo entre si. Poucos conseguiram sobreviver a essa pausterização e homogeneização (...)” ⁵¹.

A partir desse fenômeno pode-se observar a construção da Indústria Cultural na televisão, com a finalidade de realizar uma produção capaz de ser absorvida por todo e qualquer público. Dentro desse esquema, “a produção industrializada, levando em conta, o custo por mil e o custo por minuto dos programas pré-gravados dos Sistemas Globo de Produção, passaram a refletir a estrutura administrativa interna da emissora e a ideologia adotada” ⁵².

É aqui que Marcondes Filho aponta o surgimento de teorias conspiratórias, da idéia de massificação da sociedade e dos questionamentos frente aos impactos sociais que a TV viria a causar. Para o autor a década de 70 é o momento pelo qual a televisão passa a não transmitir mais nada; “não é um ponto intermediário entre o acontecimento e um telespectador, é um ponto final ou um ponto inicial. As coisas

⁴⁹ TEMER, A. C. P. e MONTEIRO, C. G. Anos 70: Consolidação da liderança da Rede Globo in: REIMÃO, Sandra. (coord.) op.cit. p.38

⁵⁰ Ibid. p. 36

⁵¹ Ibid. p. 48

⁵² Ibid. p. 99

partem dela e chegam até os telespectadores. A diferença agora é esta: ela não transmite o mundo, ela fabrica mundos”⁵³.

Nesse processo de auto-referência ou autocelebração; a TV deixa de ser um meio de comunicação para ser, o próprio espetáculo. É nessa mudança que “desaparece o componente básico da primeira fase da tevê, que é o componente da verdade. (...) Ninguém cobra mais a verdade da televisão, porque na segunda fase ela já não é mais um transmissor de verdades, ao contrário, ela é um fabricante de fábulas, histórias, narrativas, em uma palavra, de ficção”⁵⁴.

O gênero de variedades, assim como a linha de shows humorísticos ou informativos marcaram a programação da segunda metade da década de 70, além de consolidar as telenovelas como gênero, dando principalmente a Globo, elevados índices de audiência.

Dentro dessas características, pode-se observar que “a história da TV brasileira na década de 70 corresponde ao período de consolidação da Indústria Cultural no Brasil tendo a televisão como meio de comunicação mais influente. O governo militar contribuiu para isso. (...) A Rede Globo – ou as empresas Globo de Comunicação – foi quem melhor soube captar e tirar partido (...)”⁵⁵.

Enquanto a Globo se fortalecia, as Emissoras Associadas, de Assis Chateaubriand, agonizavam uma desorganização interna e inúmeras irregularidades. Mesmo sendo uma garantia ao governo, quanto à competitividade com a Rede Globo, a Rede Tupi de Televisão é extinta em julho de 1980, por um ato governamental e com ela “várias outras emissoras são consideradas peremptas (...). É o fim da Rede Tupi de Televisão”⁵⁶.

O fim da emissora pioneira no país gerou forte polêmica em torno dos critérios de concessões de canais de rádio e TV no país. “O governo, indiferente, não faz segredo de sua preferência por empresários que lhe sejam mais confiáveis e amistosos”⁵⁷ e assim Silvio Santos e Adolfo Bloch ganharam o espólio da TV Tupi.

⁵³ MARCONDES FILHO, C. op. cit. p.32

⁵⁴ Ibid. p. 34

⁵⁵ TEMER, A. C. P. e MONTEIRO, C. G. op. cit. 39 – As autoras na primeira frase desta citação, recorrem a CARVALHO, E. e outros. Anos 70: Televisão. Rio de Janeiro; Europa Gráfica e Editora, 1980, p.05.

⁵⁶ Ibid. p.120.

⁵⁷ PRIOLLI, G. op. cit. p.40

Sendo que o primeiro, em 1981 em São Paulo, põe sua rede no ar, o Sistema Brasileiro de Televisão - SBT, assumindo em um mês o segundo lugar na disputa pela audiência com uma programação voltada às classes mais populares. Já o segundo, lança, em 1983, a Rede Manchete de Televisão, no Rio de Janeiro, com uma preocupação maior com a qualidade.

É na década de 80 que a televisão firma-se como dominadora total do mercado de informações, conseqüência, segundo Marcondes Filho, da nova forma como eram realizadas as programações e a nova forma de relação com seu público. “A nova época é marcada pela fragmentação, dispersão, atomização do controle televisivo”⁵⁸.

Outro fenômeno de destaque desta década foi “a expansão acelerada da produção independente de vídeo, estimulada pelo *boom* do vídeo cassete doméstico a partir de 1982”⁵⁹. Em seguida, deve-se observar também a implantação do primeiro satélite, o Brasilsat, que, apesar do governo enfrentar algumas dificuldades, foi lançado em 1985.

A evolução tecnológica, a nova estrutura política e social do país ao longo do anos 80 e, principalmente, na década de 90 ampliam o número de opções dos telespectadores e firmam ainda mais a televisão como um meio nacional de informação e mercado rentável para a propaganda.

Em 1992, em Curitiba, nasce a primeira rede nacional fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo, a cadeia OM de José Carlos Martinez. Atualmente, após novos capitais que ingressaram à emissora, passa a se chamar, CNT - Central Nacional de Televisão.

Outras mudanças continuaram acontecendo e transformando a rainha televisão. “Depois da chegada do vídeo cassete como opção de lazer, o surgimento da TV UHF e da TV a cabo são as mais recentes novidades neste mercado. Em outubro de 1990 foi criada a MTV da Rede Abril de Televisão, operando em UHF, com uma programação voltada aos jovens”⁶⁰.

⁵⁸ MARCONDES FILHO, C. op.cit.p.31

⁵⁹ PRIOLLI, G. op. cit. p.41

⁶⁰ TONDATO, M. P. e CARRARA, R. Anos 90 – TV de sinal aberto busca seu caminho em tempo de TV por assinatura. In: REIMÃO, S. op.cit. p. 72.

Em 1991 a TVA do Grupo Abril, apresenta-se como o primeiro bom resultado comercial da TV a cabo, em seguida a Globosat cria, em 1993, a Net; tendo ambas *joint-ventures* com empresas internacionais, a primeira com a *News Corporation* de *Rupert Murdoch* da Austrália e a segunda com a *Capital Cities/ABC* dos Estados Unidos. É importante destacar que proibidas de transmitir programas próprios, as TVs a cabo dependem de programações externas.

A década de 90 marca uma televisão voltada apenas ao entretenimento, à emoção e ao gosto popular. Essas características permitem à Rede Globo continuar forte em sua posição de líder e mesmo sofrendo algumas ameaças quanto à audiência, mantém sua postura hegemônica e quase que imbatível devido a sua postura comercial.⁶¹

Assim, no decorrer da história da televisão brasileira, pode-se perceber características e elementos que marcam e compõem sua estrutura, tanto funcional como mercadológico, civil e social. E é a partir dessa conjuntura, levando em conta as especificidades locais, que este trabalho buscará resgatar e apontar o processo pelo qual a televisão nasceu e se desenvolveu no Paraná nas décadas de 1950 a 80.

⁶¹ TONDATO, M. P. e CARRARA, R. Op. cit. p. 91

3. A TELEVISÃO NO PARANÁ

3.1. SEU HISTÓRICO

No primeiro centenário da emancipação política do Estado do Paraná, em 1953, o governo do Estado voltava-se para a realização de obras que visavam instalar “símbolos de progresso, da modernidade e da identidade da sociedade paranaense”¹.

A cidade de Curitiba crescia, não apenas cultural e economicamente, a população dobrou de 2.100.000 habitantes para 4.200.000² e, o desejo de progresso entre os poderes públicos estava cada vez mais presente. A infra-estrutura da capital, além de acompanhar o desenvolvimento, deveria retratar a modernidade almejada, ser o símbolo do progresso para todo o Estado.

Todas essas transformações foram específicas do Paraná Centenário, nos anos 50, quando a indústria cultural investia no modelo norte-americano em todo o país e o Estado atravessava sua fase de euforia econômica. Jornais e revistas divulgavam a vida dos artistas de cinema e incentivavam a emulação de valores morais e dos hábitos cotidianos daquela sociedade. (...) A procura de bens de consumo durável, a chegada do mais moderno veículo de comunicação de massa - a televisão - a sofisticação dos espaços físicos e de lazer urbanos e a própria evolução dos setores marginais da cidade iriam apontar para os novos tempos que se consolidariam na década de 1960.³

Em 1954 os paranaenses assistiram TV pela primeira vez, mas apesar dessa data; é a década de 60 que o marca o início da televisão no Paraná. Enquanto a Rede Associada, de Chateaubriand, concentrava seus esforços na instalação da TV Itacolomi em Belo Horizonte, alguns executivos especulavam outras localidades, a exemplo Curitiba. A TV no Paraná despertou o interesse, na ocasião, do o advogado Nagib Chede, responsável pela Rádio Difusora Paranaense.

Antes de descrever o nascimento das emissoras paranaenses, é importante apontar os elementos que tornaram isso viável. Dennison de Oliveira, em seu

¹ TRINDADE, E.M de C. e ANDREAZZA, M.L. **Cultura e Educação no Paraná**. UFPR. No prelo.

² Ibid. [s/p]

³ Ibid. [s/p]

trabalho, descreve de que forma ocorreram as concessões de canais no Paraná, principalmente os referentes à interiorização dos sinais televisivos.⁴

Partindo do contexto nacional, de segurança e unificação das regiões de todo o país, bem como da interiorização dos ideais do Estado, observa-se melhor a distribuição das concessões de canais de TV para a capital e para todo o Paraná. O desejo nacional passa a ser instaurado de tal forma que muitos municípios começam a enxergar a televisão como um bem essencial, e assim:

Trazer a televisão torna-se então uma necessidade que se satisfeita, enriquece sobremaneira o currículo e a folha de serviços prestados pelos governantes ao município. O governo do estado também percebe o problema de forma similar, o qual se combina, de certa maneira, com os propósitos de integração do território estadual – que guarda um paralelo notável com as teses do regime militar sobre o assunto. Finalmente, as próprias emissoras, notadamente aquelas do interior, percebem que a extensão do seu sinal pode ser uma maneira de aumentar seus lucros ou, nos casos mais críticos, viabilizar-se enquanto empreendimento.⁵

E a partir dessa política percebe-se que as redes de estações repetidoras e retransmissoras de televisão no Brasil, antes vistas como fator positivo para a integração nacional pelo regime, como afirma Oliveira, passaram então a ser elementos de perigo, levando a uma provável “descaracterização de culturas regionais”⁶.

De qualquer forma foram realizados esforços que viabilizassem a interiorização dos sinais televisivos, que conforme o autor, iniciaram nos municípios e culminaram com a Radipar – Paraná Radiodifusão S.A. – que se ocupou em estender o sinal das emissoras pelo Paraná.

É, partindo da análise nesses órgãos, que Oliveira destaca os interesses políticos do Governo na interiorização da televisão no Estado do Paraná, bem como os mecanismos de poder pelos quais se mantiveram interesses privados em nome dos públicos. A exemplo, a Radipar que não arrecadava lucros e apresentava irregularidades legais, mas manteve-se por um bom tempo e inclusive sua extinção, representou interesses políticos pessoais.

⁴ OLIVEIRA, D.de. op. cit.p. 90-160

⁵ Ibid. p 96.

⁶ Ibid. p. 97

A abordagem de Oliveira é de fundamental importância antes de iniciar, neste caso, a descrição do nascimento das emissoras paranaenses, visto que, fosse na capital ou no sudoeste do Estado, o processo de instauração de um canal televisivo compreendia um grupo de interesses que, na maioria das vezes, mascaravam-se detrás dos ditos bens comuns.

É “necessário assumir a perspectiva de que a extensão do sinal televisivo a todo o interior do país é um processo que, longe de se constituir num único projeto, envolve uma série de agentes sociais e agências do Estado, cuja diversidade de propósitos apenas pudemos insinuar”.⁷

A história da Televisão no Paraná, mais detalhada, pode ser contada a partir dos seus três principais canais, são eles:

3.1.1. TV Paranaense - Canal 12

A emissora pioneira no Paraná, ao comando de Nagid Chebe, é a TV Paranaense. Inaugurada em 1960, sua programação inicial consistia em filmes americanos e programas locais. “Um dos grandes desafios que se colocava para a direção de programação era a produção de tele-teatro, com atores e autores locais”⁸.

Em 1965, a TV Paranaense também foi à pioneira na utilização do vídeo tape, facilitando o trabalho dos artistas e da emissora. Passou a exibir programas da TV Excelsior, principalmente as novelas com grande audiência em São Paulo, dando-lhe maior reconhecimento por parte do público.

A era do pioneiro Nagib Chebe chega ao fim em 1968. A moderna TV Iguazu, Canal 4 rouba da pioneira grande parte da audiência, diminuindo seu faturamento e com baixos lucros e grandes dívidas, a TV Paranaense foi vendida para os banqueiros Edmundo Lemansky, Adolfo de Oliveira Franco Filho e o advogado Francisco Cunha Pereira Filho.

“Foi a partir de 1972, que a emissora passou a consolidar sua imagem junto à comunidade paranaense. (...) Em 1974, a TV Paranaense se integrou ao Sistema

⁷ OLIVEIRA, D.de. op. cit. p. 114

⁸ JUNIOR, J. **Pequenas Histórias de Grandes Talentos – Os Primeiros Passos da Televisão no Paraná**. Curitiba: [s.e], 2001. p. 38

Brasileiro de Televisão (Sibratel) (...). Dois anos após as inovações afiliou-se à Rede Globo, reafirmando sua condição de liderança no Paraná”⁹.

Na década de 80 a TV Paranaense integra-se à Rede Paranaense de Televisão com a TV Cultura Canal 8 de Maringá e TV Coroados Canal 3 de Londrina, em seguida à TV Cataratas de Foz de Iguaçu, TV Esplanada de Ponta Grossa e a Rádio e Televisão Imagem de Paranavaí, entre outras. Em 1992 passou a operar com o transmissor de maior potência no Brasil (60KW).

Mantendo uma postura hegemônica e liderando o Ibope¹⁰ no Estado, a Rede Paranaense mantém a tradição do ‘padrão Globo’ de qualidade. Seu sinal é o mais poderoso e sua rede de transmissoras é a maior, tornando-la a emissora mais influente no Paraná. Entretanto, sua programação, atualmente, limita-se ao telejornalismo, com notícias e esportes, não apresentando nada além do conteúdo pronto da Central Rede Globo de São Paulo e/ou do Rio de Janeiro.

Hoje suas produções locais são: Bom Dia Paraná, Paraná TV, Globo Esporte Local, Camisa 12; todos programas com características jornalísticas e modelos pensados pela rede nacional. Sendo assim, pode-se observar que a Rede Globo mantém sua programação exibida em todas as praças, dando apenas às emissoras afiliadas a possibilidade de cobrir notícias locais, sem incentivar outras categorias de programas regionais. A exemplo, entre as 22:00h de programação diária, vinculada pela TV Paranaense, durante a semana, só 2:00h são produções paranaenses, sendo os demais programas da Rede Globo.¹¹

3.1.2. TV Paraná - Canal 6

O grupo dos Diários e Emissoras Associados de Chateaubriand inaugurou em 1960 sua emissora paranaense; a TV Paraná, Canal 6. Dois meses após a inauguração da TV Paranaense, Adherbal Stresser, que dirigia o Diário do Paraná, viabilizava uma estrutura para a TV Paraná. Inicialmente sua programação contava com produções locais e ao vivo, tendo em vista a ausência do vídeo tape.

⁹ TV PARANAENSE: 37 anos de pioneirismo. **Diário Popular**. [s.p] Curitiba, 29 out. 1997.

¹⁰ Ibid. “De acordo com o IBOPE, no horário nobre, as emissoras têm um *share* médio de 72% da audiência”.

¹¹ Tabelas com as programações da Rede Globo e da TV Paranaense em anexo ao trabalho.

Com a morte de Chateaubriand em 1968, a decadência tomou conta dos Diários e Emissoras Associados, inclusive a TV Paraná. Em 1973 morre Adherbal Stresser; nessa época todos os “recursos gerados no Paraná eram enviados para São Paulo, numa operação de socorro à matriz do grupo, que dava sinais de falência”¹².

Não demorou muito para que a TV Paraná mudasse de dono; já no ano seguinte o empresário Oscar Martinez comprou a TV Paraná e o Diário do Paraná. Sob a responsabilidade de seu filho, José Carlos Martinez, a emissora comprou novos transmissores e buscou recuperar seu padrão técnico e audiência.

Vinculando a programação da Rede Tupi, que já não agradava mais a audiência curitibana e correndo atrás do prejuízo, José Carlos Martinez fez várias alterações na programação¹³.

Em 1992 a TV Paraná - Canal 6 passou a ser chamada de a Cadeia OM de Comunicação. Assim, José Carlos Martinez criou a primeira rede nacional fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo. Atualmente a Cadeia OM denomina-se, após parceria com TV Gazeta de São Paulo, CNT – Central Nacional de Televisão. Sua programação, por ser uma Rede Paranaense, apresenta maior conteúdo regional, além dos telejornais, mas estão presentes também programas produzidos em outras praças.¹⁴

3.1.3. TV Iguazu - Canal 4

“No Canal 4, os telespectadores vão mandar pois afinal, a televisão existe em função deles”¹⁵. Sob esse discurso, nasceu, em 1967¹⁶, a mais moderna, promissora e competitiva emissora de televisão no Paraná. A TV Iguazu – Canal 4, foi a primeira a ter um espaço especial para instalar seus equipamentos, o que possibilitou maior qualidade aos seus produtos.

¹² JUNIOR, J. op.cit.p.76

¹³ Ibid. p.78

¹⁴ Em anexo a programação semanal da emissora em Curitiba e também a da Rede CNT.

¹⁵ IGUAÇU, TV para o povo. **O Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 29 dez. 1967. (grifos do original)

¹⁶ O decreto de concessão da TV Iguazu foi publicado no Diário Oficial da União no dia 13 de Agosto de 1965, porém os equipamentos só chegaram no primeiro semestre de 1967 e demorou a ser instalado definitivamente.

E não era só isso, pois “a TV do então governador Paulo Pimentel tinha condições de entrar no ar já disputando o primeiro lugar em audiência, uma vez que além da melhor programação, dispunha também do melhor equipamento (...) e uma equipe que nada ficava a dever às congêneres do Rio de Janeiro e São Paulo”¹⁷.

Desde sua inauguração até 1972 o Canal 4 transmitia a programação da Rede de Emissoras Independentes, encabeçada pela TV Record. Em 1972 firmou contrato com Rede Globo, sendo sua repetidora no Paraná.

A mais moderna emissora paranaense não conseguia, entretanto, livrar-se das questões políticas envolvidas acerca do, então, ex-governador Paulo Pimentel (1966-71). Um dos personagens, que conta a História da Tv no estado, Jamur Junior¹⁸ aponta as divergências entre Pimentel e Jayme Canet Junior, que governou entre 1975-79, período em que a TV Iguaçu perdeu seu contrato com a Rede Globo; uma anulação de contrato por parte da rede que a imprensa não conseguiu esclarecer.

As conseqüências foram logo percebidas, a pressão por parte do governo enfraqueceu a TV Iguaçu que com faturamento reduzido teve dificuldades de manter-se. De 1976 a 78 foi independente, transmitindo filmes e programas locais.

Em 1978 passou a exibir a programação da Rede Tupi de Televisão, mas não por muito tempo já que esta foi logo extinta, dois anos depois. Foi em 1981 que, “sem programação nacional, a emissora foi procurada por Silvio Santos, disposto a fornecer programas de sua rede para serem exibidos em Curitiba e Apucarana, sedes da TV Iguaçu e da TV Tibagi”¹⁹. Assim a TV Iguaçu tornou a repetidora da Rede SBT – Sistema Brasileiro de Televisão, no Paraná.

Atualmente sua programação local se reduz a dois programas diários (de segunda à sexta-feira): “Tribuna na TV” (1 hora) e “Tribuna nos Esportes” (30 minutos) e um programa aos sábados, “Nossa gente que faz o Show” (1:15 h).

Os demais horários de transmissão do Canal 4 são ocupados pelos programas do SBT, dando-lhe uma porcentagem pequena de programação local. Assim, pode-se então observar que mais uma emissora paranaense caracteriza-se como uma repetidora de uma grande rede.

¹⁷ JUNIOR, J. op.cit. p.93

¹⁸ Ibid. p 119, 120 e 121

¹⁹ Ibid.. p.122

3.2. EMISSORAS REPETIDORAS?

Ao observar os três primeiros grandes canais paranaenses e suas características atuais, percebe-se a situação de repetidoras em que essas se encontram. Cabe ressaltar que isso também ocorre nas demais emissoras no Estado. “Com o surgimento dos vídeo-tapes, a televisão no Paraná se fechou. Era mais fácil transmitir aquele programa pronto, que mostrava Moacyr Franco ou um Roberto Carlos ao vivo”.²⁰

Assim, a problemática da desregionalização do conteúdo das emissoras paranaenses não as descaracteriza simplesmente, mas provoca outras seqüelas em sua sociedade. A exemplo, o mercado artístico local que não consegue se manter independente; também o publicitário que tem limitada sua capacidade produtiva e competitiva. Ainda, produções de grandes programas, como novelas, por exemplo, movimentam outros setores econômicos, sociais e, também turísticos, que em muito colaboram para a região que as produz.

E, fundamentalmente, deve-se destacar a subtração dos valores culturais que emissoras repetidoras causam em sua sociedade. A televisão é um veículo de forte influência e seus modelos são facilmente seguidos, assim perde a comunidade que não tem uma emissora que a represente. Jamur Junior concluiu seu livro de maneira sentimental, mas destaca esse fenômeno como uma invasão das grandes em deterioração das pequenas emissoras. Para ele:

A formação das grandes redes de televisão no Brasil, com programas gerados em São Paulo e Rio de Janeiro, primeiro transmitidos via Embratel, depois por satélite, mudou a história da televisão paranaense. Com pequenos espaços destinados a programas locais, fora dos horários nobres, a televisão regional perdeu a intimidade com seu público. (...) Na virada do milênio, o que se vê na televisão regional é uma verdade invasão de políticos, alguns vestidos de repórteres policiais e pastores evangélicos, ocupando os espaços que antes eram privilégio dos talentos artísticos que fizeram a história da televisão no Paraná.²¹

²⁰ A VALORIZAÇÃO do ator local. **Correio de Notícias**. [s.p] Curitiba, 3 mar. 1979. Palavras de Alceu Honório, diretor artístico do Canal 6.

²¹ JUNIOR, J. op. cit. p.155

3.3. A PESQUISA

A presente análise de conteúdo identifica as características da programação da televisão paranaense durante suas duas primeiras décadas, 1960 e 70, bem como alterações significativas que ocorreram nesse período no veículo.

A pesquisa foi desenvolvida, inicialmente na bibliografia já citada, em matérias publicadas em jornais antigos e na revista TV Programas²², um guia impresso, que circulou em Curitiba de 1961 a 1977, contendo a programação semanal dos principais canais de TV da capital. A revista limitou-se a informar a programação, inicialmente do Canal 6 - TV Paraná e Canal 12 – TV Paranaense, e mais tarde, do canal 4 – TV Iguaçu.

Antes de descrever a metodologia, os resultados e as considerações obtidas a partir da fonte é importante destacar, conforme Sandra Reimão²³, duas limitações que um jornal ou revista impressa, como fonte básica para coleta de dados, podem acarretar. A primeira é que não há verificação quanto à programação anunciada e aquela que efetivamente foi posta ao ar, e segundo que não se desconta dos cálculos de tempo de programação aquele gasto com publicidade.

Ambas limitações apresentadas pela autora fizeram-se presentes na pesquisa. Outra observada, também se refere ao tempo de programação calculado. Neste caso, o tempo de programação apresentado por semana não é efetivamente aquele que veiculou, tendo em vista que não há como identificar o tempo de duração do último programa anunciado. Também é importante destacar que a revista não sabia, na maioria dos casos, toda a programação tendo em vista que as emissoras não divulgavam todos os programas a serem exibidos, pelos mais distintos motivos como foi visto na entrevista com o Sr. Luiz Renato Ribas, fundador da revista (em anexo). Dessa forma, somou-se aos cálculos das horas relativas à origem e categoria, os programas ditos eventuais, que não permitiram uma classificação categórica.

²² A coleta de dados foi realizada nas revistas disponíveis no Acervo da Biblioteca Pública do Paraná, que possui vários exemplares de 1963 a 1977 ²². Dessa forma, a presente análise de conteúdo, não apresenta os dados dos dois primeiros anos de circulação da revista, mas entre 1963 e 1977.

²³ REIMÃO, S. (coord.) **Em Instantes – notas sobre a programação na tv brasileira (1965-1995)**. São Paulo: Faculdades Salesianas e Cabral Editora Universitária, 1997. p. 11

Ao total foram analisadas 15 revistas²⁴, uma por ano, veiculadas na segunda quinzena de março ou no período mais próximo, “por tratar-se de uma época sem grandes eventos comemorativos, estando portanto as emissoras voltadas para sua programação normal”²⁵.

A análise de cada revista abordou os seguintes aspectos: seu conteúdo, no que se refere ao número de páginas, tipo de matérias e colunas assinadas e demais páginas presentes na revista; seus anunciantes, quantidade e quais os anúncios que acompanham o exemplar; os patrocinadores por programa, característica mais presente no início da revista; a quantidade de horas diárias e por semana e a origem e a categoria da programação anunciada.

3.3.1. Metodologia da pesquisa

A análise da programação da televisão paranaense, quanto à sua Origem e a Categoria, teve como modelo os critérios utilizados por Sandra Reimão²⁶ em seu trabalho, tendo em vista a similaridade de sua proposta com esta, de analisar uma programação através de um meio impresso.

A autora recorreu, na pesquisa por ela coordenada, a Mauro Wolf e José Marques de Melo, a fim de buscar conceitos que orientassem seu trabalho e possibilitassem uma estruturação na sua análise.

Assim, este trabalho, bem como o desenvolvido por Reimão, parte da distinção da programação televisiva proposta por Melo em seu livro, Para uma Leitura Crítica da Televisão²⁷. Nele o autor reserva os termos gêneros para os modos comunicativos e distribui os três grandes blocos (entretenimento, informação e educação) em um esquema, denominado por ele, de categorias televisivas.

Categoria: Informativo. Gêneros que compõem: telejornal, reportagem, entrevista, documentários, outros. **Categoria: Entretenimento.** Gêneros que compõem: novela, cinema, teatro, teleplay, seriados, desenhos animados, música popular, musica erudita, humorismo,

²⁴ As características de cada exemplar estão nos anexos.

²⁵ REIMÃO, S. op.cit.p.11

²⁶ Ibid. p. 9-16. A autora é a coordenadora da pesquisa que analisou a programação da televisão brasileira, na cidade de São Paulo, entre 1965 – 95.

²⁷ A referência aqui presente a José Marques de Melo é a realizada por Sandra Reimão, tendo em vista a inviabilidade de obter tal livro. As definições presentes foram, conforme Reimão, apresentadas por Melo em pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação (ABEPEC), em 1978.

esporte, programa de auditório, variedades, outros. **Categoria: Educativo.** Gêneros que compõem: cursos, ciências, artes, esportes, civismo, outros. **Categoria: Especial.** Gêneros que compõem: infantis, minorias étnicas, religião, agrícolas, outros. Não podemos deixar de observar que nesse quadro, como sói ocorrer em casos como esse, os gêneros não correspondem a classes abordáveis por um único princípio taxionômico. (...) Salientamos que os gêneros não são rigidamente delimitados e nem mutuamente excludentes, podendo imiscuírem-se, referirem-se e parodiarem-se mutuamente”²⁸

Dessa maneira, partindo dessa divisão: informação, entretenimento, educação, especial e outros, a análise relativa à categoria da programação paranaense entre 1960 e 70 foi analisada na revista TV Programas.

Para identificar a origem do conteúdo dessa programação, a pesquisa partiu da divisão entre local, nacional e estrangeiro. Essa observação foi feita através de informações que estavam presentes na própria revista, bem como informações adquiridas em bibliografias complementares que apontavam a programação de caráter nacional. É importante destacar que houve casos em que não foi possível identificar qual a origem do programa a ser exibido.

3.4. PRINCIPAIS RESULTADOS

3.4.1. Anunciantes

A partir da análise de conteúdo é possível observar quais os anunciantes presentes nos 15 exemplares analisados, bem como o ramo de atividade e o número de anos em que cada um participou na revista.

Ao total foram identificados 162 diferentes anunciantes, sendo que desses, 55 participaram mais de um ano na revista enquanto os demais, 107, apareceram apenas uma vez. É importante destacar que como foi analisado apenas um exemplar ao ano, não há como afirmar com total certeza que esses anunciantes participaram apenas uma vez ao ano, bem como um ano entre os 15 analisados. Isto serve para aqueles que aparecem como anunciantes mais participativos, seu número pode também ser maior. (Ver Tabelas dos Anunciantes nos Anexos)

²⁸ REIMÃO, S. op. cit. p. 13. [Conforme idéias de José Marques de Melo – sem grifos no original] A autora aponta as críticas a essa divisão, tendo em vista que é muito simplista frente a grande quantidade de possibilidades que a televisão oferece atualmente. Cabe, entretanto ressaltar que a análise aqui presente refere-se ao início da televisão e essas categorias “são balizas, pontos de orientação fáceis e rápidos de reconhecimento cada vez mais necessários”. p. 14.

A variedade grande de anunciantes e seus ramos de atividades, constada ao longo dos anos na revista, dificultam uma determinação definitiva em relação ao setor mais significativo e que mais influenciou a televisão no Paraná, entre as décadas de 60 e 70. Porém, as informações levantadas auxiliam muito a compreensão de outros fenômenos que possam estar ligados, como o desenvolvimento da economia e indústria no estado do Paraná.

Outro aspecto observado durante a análise das revistas, são os anunciantes que patrocinavam determinados programas, estando seu nome em alguns casos ligados ao programa, por exemplo, O Grande Teatro Bamerindus, a Big Ginkana Dunchen-Peixe e as Notícias Transparaná. Esse fenômeno pode ser encontrado nos exemplares entre 1963 e 66, tendo inicialmente 14 programas patrocinados na semana para 5 ao final, decaindo rapidamente e sendo extinto em 1967.

A partir desse ano, nenhum programa ou coluna de programação na revista apresenta um anunciante em especial, demonstrando um momento de transição no processo de comercialização do espaço televisivo. Frente a essa observação, é importante ressaltar o fenômeno da década de 60, no qual ocorre o “desabrochar da indústria televisiva, marcada pelo aumento das expectativas comerciais em relação à televisão. A televisão pode ser um bom negócio. Começa a ampliar rapidamente a base da audiência, os aparelhos já são comprados em grande escala e aos poucos vai se tornando uma necessidade social geral da população”²⁹.

A televisão como necessidade transformou também o mercado publicitário, a fim de atender a nova demanda que nascia. Um autor que desenvolve bem essa idéia é Renato Ortiz, como se pode observar na passagem a seguir:

Se entre 1934 e 1954 o mercado de agências publicitárias permanece inalterado, o quadro muda radicalmente nos anos 60 com o surgimento da maioria das agências que hoje atuam no mercado (...). O desenvolvimento das atividades profissionais ligadas à propaganda já vinha se realizando desde a década de 50 (...). Mas é nos anos 60 que ele se intensifica, a profissão de publicitário ganha a universidade e tem o seu reconhecimento em nível superior. (...) Se nas décadas de 40 e 50 faltava às emissoras de rádio e de televisão o traço integrador para caracterizá-las como uma indústria cultural, temos agora uma transformação. O caso da televisão é evidente, uma vez que o Estado possibilita a transmissão em rede a partir de 1969.³⁰

²⁹ MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994 p. 29. Esse fenômeno já foi mais bem desenvolvido no terceiro capítulo, que trata do histórico da televisão no Brasil.

³⁰ ORTIZ, R. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 131-132

A partir desse momento e, principalmente após o padrão Globo de qualidade, os espaços comerciais na televisão passam a ser dirigidos de outra maneira, tendo muitas características mantidas até hoje.

3.4.2. Tempo de programação

Ao analisar as revistas TV Programas, além de visualizar seus anunciantes foi possível identificar o tempo da programação estimado da televisão paranaense entre 1963-77. Os dados adquiridos, mesmo sem garantir que o tempo observado tenha sido aquele veiculado, permitem idealizar o contexto televisivo e as emissoras do Paraná.

Tabela 01: Período Total da Programação analisada

PERÍODO	CANAL 4	CANAL 6	CANAL 12	TOTAL	%
20 a 26/03/1963	-	45:20	49:00	94:20	3,42
23 a 29/03/1964	-	45:20	49:00	94:20	3,42
22 a 28/03/1965	-	47:35	52:30	100:05	3,64
14 a 20/03/1966	-	58:45	58:10	116:55	4,22
20 a 26/03/1967	-	67:35	59:30	127:05	4,62
08 a 14/04/1968	58:45	62:35	61:40	183:00	6,70
17 a 23/03/1969	67:10	65:10	62:30	194:50	7,06
09 a 15/03/1970	64:30	63:00	69:30	197:00	7,17
22 a 28/03/1971	61:50	59:40	68:30	190:00	6,91
27/03 a 02/04/1972	57:50	60:50	76:30	195:10	7,10
19 a 25/03/1973	82:05	65:35	85:00	232:40	8,44
18 a 24/03/1974	95:30	74:15	88:55	258:40	9,40
22 a 28/03/1975	85:45	67:00	90:15	243:00	8,84
20 a 26/03/1976	93:00	73:00	83:40	249:40	9,06
12 a 18/03/1977	94:40	86:45	90:10	271:35	9,90
TOTAL	761:05	942:25	1044:50	2748:20	100,0
%	27,69	34,29	39,02	2748:20	100,0

Ao observar a Tabela 01, pode-se observar que nos cinco primeiros anos analisados, em que apenas veiculavam os canais 6 e 12, percebe-se que em 63, 64 e 65 a programação do Canal 12 tinha maior duração que a do Canal 6, numa diferença aproximada de 4 horas. Nos anos 66 e 67 o Canal 6 passa na frente, inicialmente com 0:35h e depois 8 horas a mais que o Canal 12, apontando a disputa em que as emissoras se encontravam. Ressalta-se que nessa fase a

programação do 6 era da Rede Tupi e do 12, inicialmente local e em seguida também da TV Excelsior.

A partir de 1967 com o Canal 4, o Canal 6 mantém-se na frente até 69, quando a novata TV Iguaçu lidera o tempo de programação com 2 horas a mais que a TV Paraná e 5 horas a mais que a TV Paranaense. Já o período que vai de 1970 a 74, o Canal 12 lidera de forma crescente, chegando em 72 a ter 16 horas a mais que o Canal 6 e 12 horas a mais que o Canal 4.

Em 1974 pode-se observar a semana com maior tempo de programação anunciada entre as demais da tabela, é a do Canal 4 com 95:30h, com quase 19 horas a mais que o Canal 6 e mais de 6 horas em relação ao Canal 12. No ano seguinte, em 75 cai o tempo da programação divulgada do Canal 4, mas se mantém na frente nos dois últimos anos, 76 e 77, com 93:00h e 94:40h. É importante destacar que entre 1973 e 76 a TV Iguaçu exibia a programação da Rede Globo.

Somando os três canais a semana com maior porcentagem, em tempo de programação anunciada, é a de 1977, um total de 9,90%. Logo em seguida está o ano de 1974 com 9,40% e a menor as semanas de 1963 e 64, empatando em 3,42%. Entretanto, a semana com menor tempo de programação anunciada é a de 1963 do Canal 6, com 45:20h, em contrapartida, a maior programação é de 95:30h, em 74 pelo Canal 4. Mais de dez anos depois, o tempo de programação anunciada aumentou em 111,11%;

Pode-se observar também a linha crescente de tempo de programação da televisão, do início (1963) até o fim (1977) e o Canal 12 foi o que obteve maior tempo de programação no período analisado, com 39,02%, em relação a 34,29% do Canal 6 e 27,69% do Canal 4, com menos anos de exibição.

3.4.3 O Conteúdo da Programação Paranaense entre 1963-77

Após conhecer os anunciantes e o tempo de duração que cada Canal teve durante os anos analisados, finalmente pode-se então conhecer as características básicas do conteúdo dessa programação. Em cada semana examinada foram anotadas, separadamente, a origem e a categoria da programação de cada um dos três canais e os resultados estão nas tabelas a seguir.

TABELAS CANAL 4

Nas tabelas referentes ao Canal 4 – TV Iguaçu, observa-se que das 761 horas analisadas, entre 1963 e 77, a origem da programação desse canal é 8,51% Local; 43,46% Nacional e 46,41% Estrangeiro; destacando que somados os valores da programação Local e Nacional, o resultado é superior ao valor Estrangeiro.

A maior quantidade de horas de programação Nacional, acontece em 1973, com 54:25h para a menor, em 1972, de 14:35h; uma diferença acima de 100% no mesmo canal.

A programação local atinge um valor mais expressivo em 1969, chegando a 12:50 h, e bem baixo em 1977, com 2:55 h. entre 1970 e 73 observa-se uma constante entre 6 horas de programação local. Entre a programação Estrangeira, 1977 apresentou maior índice com 76:50h para 18:55h em 1973. Cabe ressaltar que de 1976 a 78 o Canal 4, tendo rompido contrato com a Rede Globo, era independente de qualquer outra emissora nacional. Isso explicaria que sua programação tivesse origem estrangeira, eram os ditos enlatados, como filmes e seriados prontos dos Estados Unidos. O mesmo se aplica as informações relativas à Categoria dessa programação, visto que em 1977, 80 horas das 94:30h são voltadas ao Entretenimento.

Entre as 760 horas analisadas, de 1963 a 77, as categorias ficaram divididas em: Entretenimento com 78,62%, Informativo 13,22%, Educativo 6,17%, a Especial 1,40% e Outros 0,59%. Esse é um perfil que cabe à programação transmitida pela TV Iguaçu e também a que os paranaenses assistiram durante essa fase.

TABELAS CANAL 6

Nas tabelas referentes ao Canal 6 – TV Paraná, observa-se que das 942 horas analisadas, entre 1963 e 77, a origem da programação desse canal é 6,69% Local, 53,70% Nacional e 31,16% Estrangeiro; destacando novamente que Local somado ao nacional é superior ao conteúdo Estrangeiro ao longo do período analisado.

Em 1977, houve a maior quantidade de horas de programação Nacional, 56:45h, para a menor quantidade de horas, em 1963, de 13:35h, ou seja, um acréscimo de 330,76% no mesmo canal. Nesse mesmo ano observa-se a ausência de conteúdo local.

Entre a programação Estrangeira, 1974 apresentou maior índice com 35:45h para 11:20h em 1972, um acréscimo de 218,18%. Cabe ressaltar a diferença entre o ano com maior índice e o com menor não apresenta tanta diferença como no Canal 4, visto que entre todos os anos há uma maior similaridade de horas.

O máximo de horas de programação local ocorre em 1965, com 8:55 h e o mínimo em 1963, com 0:35 h; lembrando que o máximo aqui é inferior ao máximo observado no Canal 4.

O Canal 6 exibiu a programação da Rede Tupi até 1973, quando esta veio a perder a força. Em seguida foi assumida pela família Martinez, transformando-se depois na Cadeia OM de Comunicação. Essa transição explicaria qualquer alteração entre os índices nesse período presentes na tabelas.

Entre as 942 horas analisadas, de 1963 a 77, as categorias ficaram divididas em: Entretenimento com 84,57%, Informativo 7,28%, Educativo 4,44%, a Especial 0,96% e Outros 2,54%. Aqui o Entretenimento apresenta-se maior em relação ao Canal 4, mas é importante ressaltar o número de horas que também é maior. Esse é um perfil que cabe à programação transmitida pela TV Paraná e também a que os paranaenses assistiram durante essa fase nesse canal.

TABELAS CANAL 12

Finalmente, nas tabelas referentes ao Canal 12 – TV Paranaense , observa-se que das 1044 horas analisadas, entre 1963 e 77 a origem da programação desse canal é 4,55% Local, 40,43% Nacional e 50,38% Estrangeiro. Este Canal é o único entre os três que apresenta o conteúdo Estrangeiro acima do Nacional somado ao Local.

Em 1977, houve a maior quantidade de horas de programação Nacional, 51:45h, para a menor quantidade de horas, em 1965, de 5:15h, um acréscimo de 430% no mesmo canal.

Na programação Local, podemos observar a ausência desse conteúdo nos anos 1964 e 1974; ainda, o máximo de horas locais exibidas é de 6:00h, um valor baixo em comparação aos outros dois canais. E, de fato, sendo o Canal com maior programação Estrangeira, o Nacional fica em segundo plano e o Local, sofre ainda mais limitação. Já entre a programação Estrangeira, 1975 apresentou maior índice com 69:10h para 13:45h em 1969, um acréscimo de 430,76%. Cabe ressaltar que a diferença entre o ano com maior e menor índice apresenta, neste canal, a maior diferença (430%), levando em conta que também apresenta uma total de horas bem superior, ao Canal 4, por exemplo (761 horas);

Entre as 1044 horas analisadas, de 1963 a 77, as categorias ficaram divididas em: Entretenimento com 83,42%, Informativo 9,21%, Educativo 3,84%, a Especial 1,30% e Outros 2,21%. Esse é um perfil que cabe à programação transmitida pela TV Paraná e também a que os paranaenses assistiram durante essa fase nesse canal.

3.4.4. Panorama total dos resultados

Tabela 08: Total de horas relativas à ORIGEM da programação analisada

ORIGEM	CANAL 4 1963-77	%	CANAL 6 1963-77	%	CANAL12 1963-77	%	TOTAL	%
Local	64:45	2,36	63:05	2,30	47:35	1,74	175:25	6,40
Nacional	332:10	12,09	506:05	18,42	422:25	15,36	1260:40	45,87
Estrangeiro	353:15	12,85	293:40	10,68	526:25	19,15	1173:20	42,68
Não Consta	10:55	0,39	79:35	2,89	48:25	1,76	138:55	5,04
TOTAL	761:05	27,69	942:25	34,29	1044:50	38,01	2748:20	100,0

Tabela 09: Total de horas relativa à CATEGORIA da programação analisada

CATEGORIA	CANAL 4 1963-77	%	CANAL 6 1963-77	%	CANAL12 1963-77	%	TOTAL	%
Informativo	100:40	3,65	68:35	2,50	96:15	3,50	265:30	9,65
Entretenimento	598:15	21,77	797:00	29,00	871:40	31,71	2266:55	82,48
Educativo	47:00	1,73	43:45	1,57	40:10	1,46	130:55	4,76
Especial	10:40	0,38	9:05	0,34	13:35	0,48	33:20	1,20
Outros	4:30	0,16	24:00	0,88	23:10	0,86	51:40	1,90
TOTAL	761:05	27,69	942:25	34,29	1044:50	38,01	2748:20	100,0

As Tabelas referentes ao Total de Horas quanto à Origem e à Programação permitem visualizar mais genericamente os dados obtidos entre os três canais. Inicialmente, como já pode ser observado, o Canal 12 apresenta maior tempo de programação anunciada na revista, chegando a um total de 1044 horas, para 942 horas no Canal 6 e 761 horas no Canal 4. É bom lembrar que o Canal 4 iniciou sua transmissão mais tarde. O total de horas analisadas entre os três foi de 2.748 horas.

Entre os três canais, quanto a Origem, a programação anunciada como Local ficou com 6,40%, a Nacional, que ficou à frente, com 45,87%, para 42,68% de conteúdo Estrangeiro e 5% que não foi possível identificar. Partindo desse panorama geral, percebe-se que o Canal 6, com 18,42% foi o que anunciou mais a programação Nacional, seguido do Canal 12 com 15,36% e por fim o Canal 4 com 12,09%. Quanto à programação local, o Canal 4 ficou a frente com 2,36%, para 2,30% do Canal 6 e 1,74% do Canal 12. de qualquer forma, pode-se perceber claramente que a programação Local é até sete vezes menos freqüente que o conteúdo Nacional, mesmo sendo ambos produzidos no país.

Também entre os três canais, quanto à Categoria, percebe-se que 82,48% do total de horas anunciadas corresponde a programas de Entretenimento, para 9,65% Informativo, 4,76% Educativo, 1,20% Especial e 1,90% Outros. Neste caso, o Canal 12 foi o que apresentou maior índice em Entretenimento, 31,71% de sua programação anunciada, para 29,0% do Canal 6 e 21,77% do Canal 4. Entretanto, o Canal 4 ficou a frente dos demais em relação à categoria Informativo, 3,65%, e Educativo com 1,73%.

3.5. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Gráfico 01 – Origem da programação analisada (1963-77) nos três canais

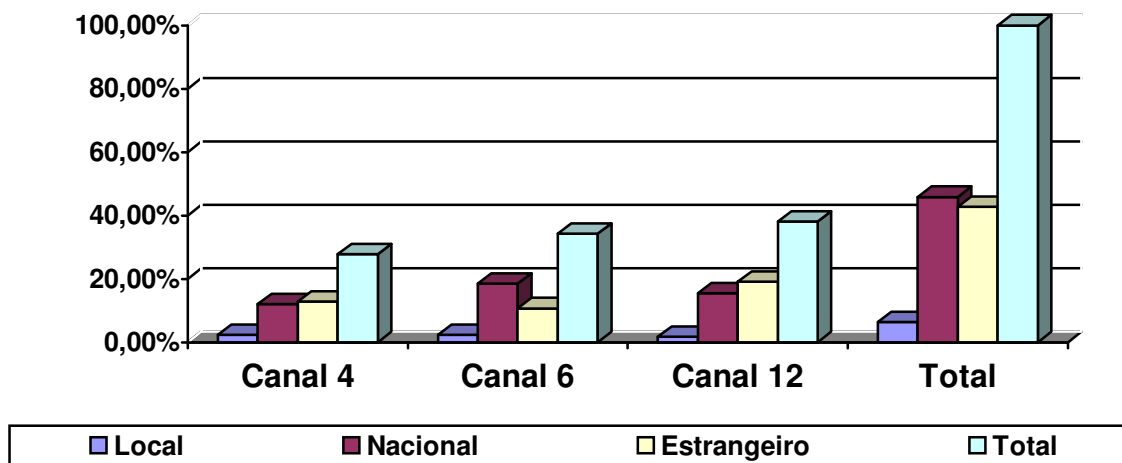
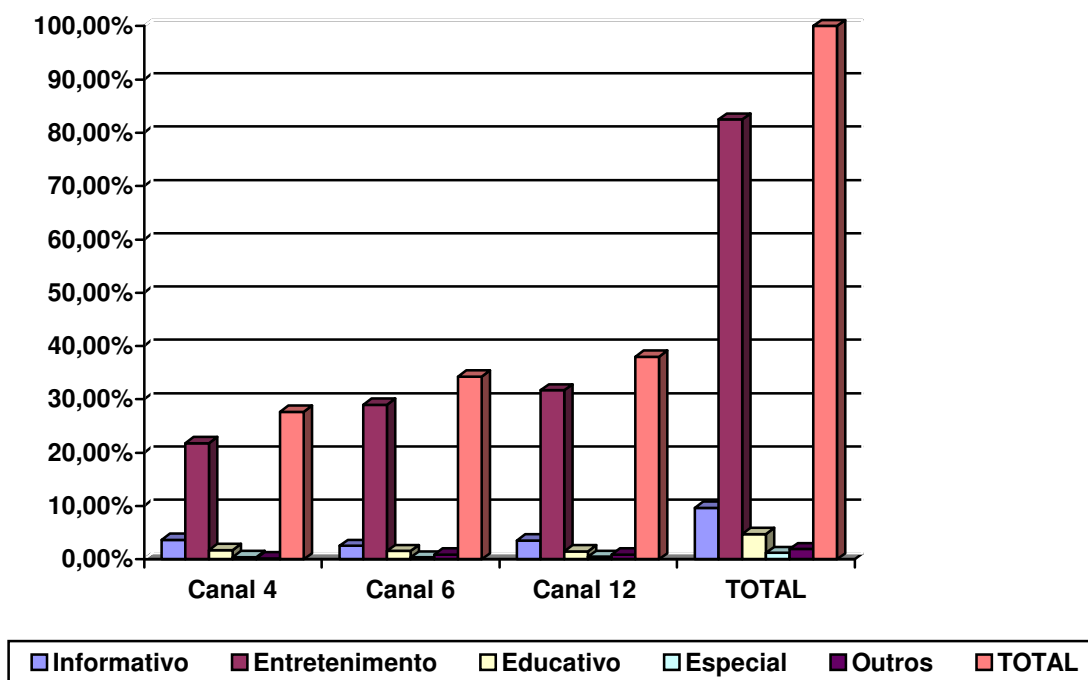


Gráfico 02 – Categoria da programação analisada (1963-77) nos três canais



Todos os resultados obtidos ao decorrer da pesquisa permitem afirmar que a televisão paranaense, ao longo da década de 60 e 70 desenvolveu-se de maneira rápida e respondendo às transformações que o mercado transferia à comunicação. É visto que nessa fase o Brasil passa a experimentar e ser regida sob uma indústria cultural, atingindo todos os meios, como a música, cinema, teatro, literatura e seus transmissores, como o rádio e a televisão.

A análise de conteúdo da programação apontou uma televisão voltada quase que exclusivamente ao Entretenimento, 82,48% (de um total 2.748 horas de programação em três canais durante 15 semanas/anos analisados) e bastante submetida aos modelos Estrangeiros, 42,68% (mesmo total). Os anunciantes também são elementos que demonstram o poderio financeiro que girou em torno da televisão e de que maneira viriam a influenciar seus futuros consumidores.

Frente essa questão, Renato Ortiz, desenvolve aspectos relevantes no desenvolvimento da indústria cultural brasileira e na mundialização da cultura.¹ Para ele a essa “modifica o padrão de relacionamento com a cultura, uma vez que definitivamente ela passa a ser concebida como um investimento comercial. O processo de industrialização da televisão, e particularmente o papel que nele desempenha a telenovela, é esclarecedor”.² Assim, no decorrer de seu trabalho o autor aponta que a sociedade moderna brasileira ligou-se diretamente à lógica comercial, que quanto mais dominante passou a determinar os espaços para as manifestações culturais.

Assim, partindo das idéias de Ortiz, é possível afirmar que a televisão, neste caso paranaense, mas refletindo um fenômeno nacional, foi submetida e estruturada a partir dos interesses comerciais que as emissoras, bem como seus anunciantes viriam a ter. De fato, esta visão pode parecer óbvia, mas engloba uma série de questões que tornaram a televisão o poderoso meio de comunicação que é hoje.

Ao lembrar que à televisão, mesmo ao tentar manter-se com uma estrutura local e independente, a exemplo a TV Paranaense, não é possível sobreviver sozinha devido à força que a conduz para uma homogeneização estabelecida pela disputa de poder, regida por leis ora comerciais, ora políticas e/ou pessoais. Uma

¹ Essas idéias estão em seus livros: A Moderna Tradição Brasileira e Mundialização e Cultura.

² ORTIZ, R. op. cit.p. 144

alternativa, que tampouco garante uma qualidade, seria a TV pública, mas que inexistente no Brasil, nos modelos mais conceituais, a exemplo as principais emissoras européias quando não privatizadas.

Durante a análise de conteúdo, vários aspectos que tinham sido levantados anteriormente nas elaborações teóricas, confirmaram-se. A exemplo, a programação atual nos três canais estudados, TV Iguaçu, TV Paraná e TV Paranaense, que se limitam hoje à transmissão de grandes redes. Essa característica responde ao interesse inicial do governo de expandir a televisão, mas sob um controle uno. Também, responde a necessidade de alcançar uma audiência, de modernizar e ganhar recursos a partir de investimentos terceiros, como os anunciantes. Esses, por sua vez desejam expressar e/ou criar modelos a serem seguidos pelos telespectadores, transformando-se em provedores de fantasias e aumentando suas vendas que, assim por diante, suscitam interesses político e econômicos.

Pode-se então perceber que elementos inerentes à televisão interligam-se, de tal maneira, que ao puxar um fio tem-se um novelo inteiro de interesses e questões que terminam em um mesmo lugar.

Ao final desta interpretação constata-se que a televisão no Brasil reflete uma busca por respostas que desejam ser encontrada em algum outro lugar, mas que podem estar ali, no modelo social pelo qual foi submetido. Nesse sentido a História não deixa cegar, mas é preciso querer saber.

CAPITULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho pode-se perceber que desde seu surgimento, a televisão esteve presa a condições que são essenciais para sua manutenção e pelas quais tem-se legitimado até hoje. Para *Ciro Marcondes Filho*¹, a TV alcançou sua expansão desde os anos 50 até o veículo que é hoje, por centralizar os interesses, os poderes e a atenção geral das sociedades, além de corporificar uma mudança da era moderna para a era técnica ou tecnológica, sendo “um componente fundamental deste século”².

Os aspectos aqui levantados confirmam a Televisão Brasileira como fruto de interesses políticos e econômicos. Por exemplo, a década de 70 que marcou a consolidação quase que irreversível da Rede Globo e do seu padrão de qualidade, gerou um ideal de produção industrializada, dentro de um cenário nacional de repressão e ditadura militar. Essa característica global persistiu mesmo após a suspensão da censura prévia aos noticiários e à programação da TV, mesmo ao final do governo Geisel, em 1978.

Também não é preciso ir muito longe. No Paraná, os eventos que envolveram a disputa entre TV Paranaense e TV Iguazu, pela representação da programação da Rede Globo, ressaltam bem os jogos políticos nos quais a televisão tem feito parte. Basta lembrar as disputas, não ‘meramente’ comerciais entre o ex-governador Paulo Pimentel e o Jornalista e Advogado Francisco Perreira da Cunha, pela representação da Rede Globo no Estado do Paraná e tantos outros ‘jogos políticos’ presentes na história paranaense, que fundem ainda mais os campos entre o público e o privado, entre política, Estado e Mercado.

Ao observar, também, a atual situação de “repetidoras” das emissoras paranaenses, custa acreditar que uma nova emissora possa surgir com interesses locais e que, porventura, possa vencer os índices de Ibope da Globo.

A televisão, não abarca discussões apenas no campo científico, mas na política e nos interesses sociais desse veículo para a população, é vasto o número de projetos e de propostas que visam usufruí-lo da melhor maneira possível. Na Câmara dos Deputados, constam mais de 1000 projetos-leis, além das comissões

¹ MARCONDES FILHO, C. op.cit.

² Ibid. p.18

de análise e propostas para a Televisão no Brasil, sendo que algumas já estão no Congresso Nacional aguardando votação. Entre as proposições se apresentam idéias de regulamentação quanto ao conteúdo exibido, a utilização do meio para a educação e questões públicas, bem como limitações, concessões, autorizações e outras centenas de preocupações.

Frente a todas, merecem destaque, neste trabalho, a Proposição PL-192/1991 (em anexo), que “Ficam as emissoras de Rádio e Televisão obrigadas a exibir 20% Programas Jornalísticos e 15% de Programas Culturais e Artísticos, produzidos na sua sede, regulamentando o disposto na Nova Constituição Federal” e a Proposição PL-3384/1997(em anexo), que “dispõe sobre Obrigatoriedade das emissoras de sons e imagens (televisão) destinarem espaços específicos à veiculação de programação local”. Também, outra voltada para as TV’s a cabo, a Proposição PL - 3398/2000 (em anexo), que dispõe quer “as concessionárias de serviços de Televisão Via Cabo, deverão destinar canais básicos de utilização gratuita, visando inclusive à transmissão dos sinais gerados pelas retransmissoras locais, reservando pelo menos 50%, preferencialmente para canais de programação local”.

Destaque para outro projeto, o PL – 256/91, proposto pela Deputada do PC do B, do Rio de Janeiro, Jandira Feghali, em que regulamenta também a regionalização da programação, propondo que “as emissoras de televisão ficam obrigadas a veicular, no horário de 5h às 24h, programas culturais, artístico e jornalísticos totalmente produzidos e emitidos nos estados onde estão localizadas as sedes das emissoras e/ou suas afiliadas (...)”³. Ainda o projeto propõe que dentro dos 30% da programação local a ser veiculada, pelo menos 40% das horas exibidas devem ser realizadas por produções independentes; uma excelente alternativa para romper o monopólio do conteúdo veiculado.

Essas proposições que estão transitando pela Câmara de Deputados do Governo Federal ou no Congresso apontam uma preocupação presente de preservar e resgatar as produções locais, e proteger nosso conteúdo nacional, agora

³ Original do texto do Projeto de Lei 256, de 1991, com redação consolidada pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática do Congresso Nacional, presente na matéria, “Jandira Feghali defende mídia regionalizada”, em anexo neste trabalho.

ainda mais ameaçado pela Ementa 222, que permite a entrada de capital estrangeiro em meios de comunicação brasileiros.

A questão volta-se então para a demora de análise e regulamentação dessas propostas, estando em planos que desconhecemos os interesses anteriores e/ou posteriores a suas resoluções. O fato a ser levado em conta, é que passando a ser obrigatório que 15% da programação seja produzida na praça em que está sendo exibida, toda uma reestruturação deverá ocorrer, tanto no plano social, econômico e principalmente, cultural e quem sabe a Televisão possa realmente passar a veicular a informação necessária a aquele público. De qualquer forma é importante lembrar que essa regulamentação não seria garantia nenhuma de que o conteúdo transmitido seria de fato de qualidade ou necessário ao público. Frente a isso, concorda-se com o estudioso da Televisão, Prof. Arlindo Machado, quando diz que:

(...) a televisão é e será aquilo que nós fizermos dela. Nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa. Ao decidir o que vamos ver ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação, ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão. O que esse meio é ou deixa de ser não é, portanto, uma questão indiferente às nossas atitudes com relação a ele.⁴

⁴ MACHADO, A. **A Televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2001. p.12

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **A Indústria Cultural – O Iluminismo como mistificação das massas**. In.: LIMA, L. C. Teoria da Cultura de Massa, São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- ASSOUN, P. L. **A Escola de Frankfurt** - São Paulo: Ática, 1991.
- A VALORIZAÇÃO do ator local. **Correio de Notícias**. [s.p] Curitiba, 3 mar. 1979.
- CAPARELLI, S. **Comunicação de Massa Sem Massa**. São Paulo: Cortez, 1982.
- CAPARELLI, S. **Televisão e Capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1982
- CHEDE, pioneiro no Paraná. **Gazeta do Povo**. [s.p] Curitiba, 18 set. 1990.
- COELHO, T. **O que é a Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- COSTA, A. H. da, SIMÕES, I. F. e KEHL, M. R. **Um País no Ar**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COSTA, B. C. G. – Teoria Crítica e Educação – Capítulo 8 - **Indústria Cultural: Análise Crítica e Suas Possibilidades de Revelar ou Ocultar a Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FEDERICO, M. E. B. **História da Comunicação – Rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- IGUAÇU, TV para o povo. **O Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 29 dez. 1967.
- MACHADO, A. **A Televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2001.
- MELO, J. M. de. (org) **Comunicação e Transição Democrática**. Porto Alegre: Mercado Aberto/Séries Novas Perspectivas, 1985.
- JUNIOR, G. **Pais da TV**. São Paulo:Conrad, 2001.
- JUNIOR, J. **Pequenas Histórias de Grandes Talentos – Os Primeiros Passos da Televisão no Paraná**. Curitiba: [s.e], 2001.
- MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.
- NAPOLITANO, M. **Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2001.
- OLIVEIRA, D. **Estado e Mercado – Telecomunicações no Brasil**. Curitiba: Prefhacio, 1991.

- ORTIZ, R. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PRIOLLI, G. A Tela Pequena no Brasil Grande. In: LIMA, Fernando Barbosa e outros. **Televisão e Vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.19-43
- REIMÃO, S. Org. **Em Instantes – notas sobre a programação na tv brasileira (1965-1995)**. São Paulo: Faculdades Salesianas e Cabral Editora Universitária, 1997.
- TRINDADE, E.M de C. e ANDREAZZA, M.L. **Cultura e Educação no Paraná**. UFPR. No prelo.
- TV - PARANÁ, onze anos nos lares paranaenses. **Diário do Paraná**. [s.p] Curitiba, 19 dez. 1971.
- TV PARANAENSE: 37 anos de pioneirismo. **Diário Popular**. [s.p] Curitiba, 29 out. 1997.
- TV PARANAENSE comemora hoje 40 anos. **Gazeta do Povo**. p. 5. Curitiba, 5 nov. 2000.
- [?]CANAL 6: melhor informação. **Jornal do Estado**. [s.p] Curitiba, 24 fev. 1984.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- A TEVÊ vai mudar. É ordem. **Voz do Paraná**. [s.p] Curitiba, 19-25 set. 1971.
- AS TRAQUITANAS de Osni. **Gazeta do Povo**. [s.p] Curitiba, 18 de set. 1990.
- AOS 27 anos, Canal 4 entra numa nova fase. **O Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 28 dez. 1994.
- CANAL 6: 9 Anos de Bons Programas. **Diário do Paraná**. [s.p] Curitiba, 19 dez. 1969.
- CELEBRAÇÃO de missa marca o 24º aniversário do Canal 12. **Gazeta do Povo**. [s.p] Curitiba, 30 out. 1984.
- CORES do Canal 4. **O Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 11 junho 1975.
- CRIAMOS a Era da Televisão no Paraná : Canal 12. **Manchete**; nº 772. [s.p] [s.l] fev. 1967.
- CURITIBA assistiu ontem TV a cores pela primeira vez. **Tribuna do Paraná**. [s.p] Curitiba, 22 out. 1970.

- DIDIER Bettega, 43 anos de radiofonia no Paraná. **Almanaque**. [s.p] Curitiba, 15 julho 1990.
- EIS como foi inaugurada a TV Coroados, há dez anos. **Diário do Paraná**. [s.p] Curitiba, 22 set. 1973.
- ENTRE Nuvens e Estrelas Comemora o 10º Aniversário. **Gazeta do Povo**. [s.p] Curitiba, 9 abril 1972.
- FERNANDES, J.C. Capítulo fora do ar. **Gazeta do Povo**. Caderno G; p.1. Curitiba, 19 set. 1999.
- FERNANDES, J.C. História em preto e branco. **Gazeta do Povo**. Caderno G; p.5. Curitiba, 19 set. 1999.
- FERNANDES, J.C. Um guia de pesquisa. **Gazeta do Povo**. Caderno G; p.5. Curitiba, 19 set. 1999.
- GOVERNADOR inaugura o circuito de televisão. **Tribuna do Paraná**. [s.p] Curitiba, 20 dez. 1973.
- HÁ 37 anos, o Paraná ganhava a primeira TV. **O Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 30 out. 1997.
- JÁ CHEGOU a TV-Iguaçu. **O Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 13 set. 1967.
- LORÊDO, João. **Era uma vez a Televisão...** São Paulo: Alegro, 2000.
- LOPES, A. M. Não se faz mais TV com antigamente. **O Estado do Paraná**. Caderno Almanaque; p.4. Curitiba, 16 dez. 1990.
- LOPES, A. M. Osny, o homem das traquitanas. **O Estado do Paraná**. Caderno Almanaque; p.4. Curitiba, 16 dez.1990.
- LOPES, A. M. Em Curitiba, as imagens chegaram dez anos depois. **O Estado do Paraná**. Caderno Almanaque; p.4. Curitiba, 16 dez.1990.
- NO AR, um momento histórico. **O Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 30 mar. 1969.
- NO MELHOR Canal a Cor é Total. **O Estado do Paraná**. p.3 Curitiba, 8 ago. 1975.
- NOSSA TV já recebe cores. **O Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 22 out. 1970.
- NOVA Imagem do Doze cobre toda Curitiba. **Gazeta do Povo**. [s.p] Curitiba, 7 maio 1992.
- O PIONEIRO da TV no Paraná, Canal 12, comemora 35 anos. **Gazeta do Povo**. [s.p] Curitiba, 31 out. 1995.

- OS 40 ANOS de Televisão no Paraná. **Gazeta do Povo**. Caderno G; p.1. Curitiba, 7 julho 2000.
- PIONEIRA no estado, a Tevê Paranaense festeja 33 anos. **Gazeta do Povo**. [s.p] Curitiba, 29 out. 1994.
- RICHARDSON, R. J. e colaboradores. **Pesquisa Social – Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas S.A, 1985. p. 173-212
- RIXA. **Almanaque da TV – 50 anos de Memória e Informação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- TELEVISÃO: Ano novo e a programação velha. **Folha de Londrina**. [s.p] Curitiba, 2 dez. 1972.
- TV A Cores prova que Curitiba surpreende. **Folha de Londrina**. [s.p] Curitiba, 28 mar. 1972.
- TV IGUAÇU, boas cores e agora na rota Oeste. **Tribuna do Paraná**. [s.p] Curitiba, 9 ago. 1975.
- TV IGUAÇU - Canal 4 já tem seu símbolo. **Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 20 fev. 1966.
- TV IGUAÇU, trinta anos de audiência. **O Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 28 dez. 1997
- TV PARANAENSE Canal 12 na preferência do público. **Diário Popular**. [s.p] Curitiba, 19 maio 1971.
- TV PARANAENSE comemora 35 anos de fundação. **Diário Popular**. [s.p] Curitiba, 29 out. 1995.
- TV PARANAENSE comemora 40 anos de sua fundação. **Gazeta do Povo**. Caderno G; p.6. Curitiba, 2 nov. 2000.
- WEBER, L. H. TV Iguaçú chega hoje à maioridade. **O Estado do Paraná**. [s.p] Curitiba, 28 dez. 1988
- 17 DE JULHO de 1954: a primeira vez que os curitibanos viram TV. **Almanaque**. [s.p] Curitiba, 15 julho 1990.

ANEXOS

Canal 4: Origem da Programação por Ano analisado

Origem	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	TOTAL	%
Local	--	--	--	--	--	7:10	12:50	6:20	6:30	6:50	6:45	3:30	6:00	5:55	2:55	64:45	8,51
Nacional	--	--	--	--	--	25:05	17:10	23:40	33:30	14:35	54:25	51:15	46:10	52:05	14:15	332:10	43,64
Estrangeiro	--	--	--	--	--	25:45	36:10	32:00	21:50	32:25	18:55	40:45	33:35	35:00	76:50	353:15	46,41
Não Consta	--	--	--	--	--	0:45	1:00	2:30	-	4:00	2:00	-	-	-	0:40	10:55	1,44
TOTAL	--	--	--	--	--	58:45	67:10	64:30	61:50	57:50	82:05	95:30	85:45	93:00	94:40	761:05	100,0

* Tempo em Horas : Minutos

Canal 4: Categoria da Programação por Ano analisado

Categoria	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	TOTAL	%
Informativo	--	--	--	--	--	4:45	6:55	5:00	4:50	4:50	7:20	14:50	19:30	22:30	10:10	100:40	13,22
Entreteni/o	--	--	--	--	--	50:00	59:40	55:30	51:55	45:00	64:00	68:40	57:30	66:00	80:00	598:15	78,62
Educativo	--	--	--	--	--	1:30	--	3:00	4:15	5:00	9:45	11:00	4:30	4:30	3:30	47:00	6,17
Especial	--	--	--	--	--	0:45	0:35	1:00	0:50	2:30	1:00	1:00	2:00	--	1:00	10:40	1,40
Outros	--	--	--	--	--	1:45	--	--	--	0:30	--	--	2:15	--	--	4:30	0,59
TOTAL	--	--	--	--	--	58:45	67:10	64:30	61:50	57:50	82:05	95:30	85:45	93:00	94:30	761:05	100,0

* Tempo em Horas : Minutos

Canal 6: Origem da Programação por Ano analisado

Origem	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	TOTAL	%
Local	0:35	2:15	8:55	5:20	6:15	6:10	8:15	4:00	5:20	3:00	3:45	6:15	1:30	1:30	--	63:05	6,69
Nacional	13:00	14:05	7:10	20:15	33:45	30:20	36:25	41:00	36:00	45:00	43:25	32:15	52:40	44:00	56:45	506:05	53,70
Estrangeiro	16:20	19:00	18:00	23:10	15:00	18:50	12:40	18:00	18:20	11:20	18:25	35:45	12:50	26:00	30:00	293:40	31,16
Não Consta	15:25	10:00	13:30	10:00	12:35	7:15	7:50	--	--	1:30	--	--	--	--	--	79:35	8,44
TOTAL	45:20	45:20	47:35	58:45	67:35	62:35	65:10	63:00	59:40	60:50	65:35	74:15	67:00	73:00	86:45	942:25	100,0

* Tempo em Horas : Minutos

Canal 6: Categoria da Programação por Ano analisado

Categoria	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	TOTAL	%
Informativo	6:30	4:50	6:15	2:25	3:35	4:45	5:35	4:00	2:15	5:20	4:00	2:00	1:15	7:00	8:50	68:35	7,28
Entreteni/to	34:30	37:15	34:00	51:10	61:45	53:10	57:35	54:15	50:35	46:30	56:05	67:30	58:15	59:00	75:25	797:00	84,57
Educativo	0:30	0:30	0:40	0:25	1:00	2:00	1:35	4:30	5:20	6:30	5:30	4:45	4:00	4:00	2:30	43:45	4,44
Especial	0:15	--	0:25	0:20	0:30	0:25	0:25	0:15	1:30	2:00	--	--	--	3:00	--	9:05	0,96
Outros	3:35	2:45	6:15	4:25	0:45	2:15	--	--	--	0:30	--	--	3:30	--	--	24:00	2,54
TOTAL	45:20	45:20	47:35	58:45	67:35	62:35	65:10	63:00	59:40	60:50	65:35	74:15	67:00	73:00	86:45	942:25	100,0

* Tempo em Horas : Minutos

Canal 12: Origem da Programação por Ano analisado

Origem	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	TOTAL	%
Local	3:40	--	5:30	3:10	2:20	3:35	5:55	6:00	4:45	2:15	4:00	--	1:45	2:40	2:00	47:35	4,55
Nacional	14:35	12:00	5:15	23:00	22:30	26:50	42:35	40:00	44:25	51:05	30:30	26:15	19:20	12:20	51:45	422:25	40,43
Estrangeiro	15:05	25:50	33:05	30:50	29:00	28:25	13:45	22:00	50:30	21:40	50:30	62:40	69:10	68:40	36:35	526:25	50,38
Não Consta	15:40	11:10	8:40	1:10	5:40	2:50	0:15	1:30	--	1:30	--	--	--	--	--	48:25	4,63
TOTAL	49:00	49:00	52:30	58:10	59:30	61:40	62:30	76:30	85:00	76:30	85:00	90:15	90:15	83:40	90:10	1044:50	100,0

* Tempo em Horas : Minutos

Canal 12: Categoria da Programação por Ano analisado

Categoria	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	TOTAL	%
Informativo	10:50	3:00	3:40	1:30	2:05	4:45	5:45	5:15	5:10	7:15	5:15	8:15	8:25	6:15	18:50	96:15	9,21
Entreteni/to	27:45	37:10	47:05	54:30	52:45	54:00	53:00	58:45	58:50	59:45	75:00	76:25	77:15	72:55	66:30	871:40	83,42
Educativo	0:30	1:05	--	1:30	--	--	2:30	3:30	4:30	6:30	4:45	4:15	3:35	3:30	4:00	40:10	3,84
Especial	3:10	1:55	1:45	0:40	--	--	1:15	--	--	2:00	--	--	1:00	1:00	0:50	13:35	1,30
Outros	6:45	5:50	--	--	4:40	2:55	--	2:00	--	1:00	--	--	--	--	--	23:10	2,21
TOTAL	49:00	49:00	52:30	58:10	59:30	61:40	62:30	69:30	68:30	76:30	85:00	88:55	90:15	83:40	90:10	1044:50	100,0

* Tempo em Horas : Minutos

Tabela 00 : Quantidade total de horas relativa à origem de toda a programação analisada

ORIGEM	CANAL 4 1963-77	%	CANAL 6 1963-77	%	CANAL12 1963-77	%	TOTAL	%
Local	64:45	2,36	63:05	2,30	47:35	1,74	175:25	6,40
Nacional	332:10	12,09	506:05	18,42	422:25	15,36	1260:40	45,87
Estrangeiro	353:15	12,85	293:40	10,68	526:25	19,15	1173:20	42,68
Não Consta	10:55	0,39	79:35	2,89	48:25	1,76	138:55	5,04
TOTAL	761:05	27,69	942:25	34,29	1044:50	38,01	2748:20	100,0

Tabela 00 : Quantidade total de horas relativa à categoria de toda a programação analisada

CATEGORIA	CANAL 4 1963-77	%	CANAL 6 1963-77	%	CANAL12 1963-77	%	TOTAL	%
Informativo	100:40	3,65	68:35	2,50	96:15	3,50	265:30	9,65
Entretenimento	598:15	21,77	797:00	29,00	871:40	31,71	2266:55	82,48
Educativo	47:00	1,73	43:45	1,57	40:10	1,46	130:55	4,76
Especial	10:40	0,38	9:05	0,34	13:35	0,48	33:20	1,20
Outros	4:30	0,16	24:00	0,88	23:10	0,86	51:40	1,90
TOTAL	761:05	27,69	942:25	34,29	1044:50	38,01	2748:20	100,0